



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Faculdade de Formação de Professores

Suellen Stelita Destefani



O Projeto InvestUERJ – buscando caminhos para a construção de uma prática pedagógica transformadora



São Gonçalo
2009

Suellen Stelita Destefani

O Projeto InvestUERJ – buscando caminhos para a construção de uma prática pedagógica transformadora.

Monografia apresentada à Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para aprovação no curso de graduação em Pedagogia.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Regina de Fatima de Jesus

São Gonçalo
2009

Monografia apresentada ao Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

O Projeto InvestUERJ – buscando caminhos para a construção de uma prática pedagógica transformadora

Aprovado em: _____

Prof^a. Dr^a. Regina de Fatima de Jesus (Orientadora)
(DEDU/FFP/UERJ)

Prof. Dr. Domingos Nobre (Parecerista)
(DEDU/FFP/UERJ)

São Gonçalo
2009

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

Ficha Catalográfica

CATALOGAÇÃO NA FONTE UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

A345 Destefani, Suellen Stelita
O Projeto InvestUERJ – buscando caminhos para a construção de uma prática pedagógica transformadora / Suellen Stelita Destefani. – 2009. 57f.

Orientador: Regina Fatima de Jesus
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a todos os participantes do Projeto InvestUERJ: às coordenadoras Maria Christina de Moraes Lopes da Silva e Licia Maria Braga Pinto Guedes que me deram a oportunidade de participar do Projeto e por todo apoio intelectual durante todo esse período; a todos alunos que fizeram parte do InvestUERJ no período de 2007.1 e 2008.1 em especial: Admilson Luiz da Silva, Ana Ribeiro, Antonio Carlos dos Santos, Carlos Alberto da Teixeira o “Carlinho”, Ivone Marques, Jorge Oliveira Saldanha, Jorge Pereira, Luiz Alberto D. Rocho Marinho, Maria da Glória Eristides Barbosa, Maria de Fátima Rodrigues, Rosangela Cristina da Costa, Vanger José Alves, Walmir de Souza, por participarem e me inspirarem em todo momento nesta pesquisa; a todos os Bolsistas em especial: Alair Figueiredo Duarte, Cristiano Torrone, Gianna Luciana Campolino, Glauciane Ribeiro Gomes, Geudo Gomes e Rosana Andrade, pelo carinho, pela troca de conhecimentos e por me proporcionar tantas alegrias. À minha orientadora, Regina de Fatima de Jesus, acima de tudo pela amizade, dedicação e carinho no processo de orientação; Aos professores da, Faculdade Formação de Professores, em especial, a professora Regina de Fatima de Jesus, por possibilitar que, ao longo desses quatro anos, eu me tornasse uma pessoa um pouquinho mais compreensiva, um pouquinho mais propositivo, e com sede de transformação.

AGRADECIMENTOS

- A todos os participantes do Projeto InvestUERJ, por seu interesse e colaboração com este trabalho e, sobretudo, por sua luta cotidiana em busca de dignidade;
- À minha família: minha mãe Vitória Stelita Loureiro Destefani, guerreira, batalhadora, por ter sido essencial na minha formação me dando conselhos, por ser minha melhor amiga, por me incentivar e cuidar da minha filha nos momentos em que era preciso me ausentar para trabalhar e estudar; à minha irmã Sabryna Stelita Destefani, por ser a maior incentivadora para o ingresso na faculdade, por me dar todo apoio e passar noites em claro me ajudando na execução deste trabalho; ao meu marido e companheiro Daniel Gorender dos Reis, pela paciência nos momentos em que não pude lhe dar a devida atenção e a minha filha Sofia Gorender dos Reis que mesmo nas horas que estava mais exausta, me fazia rir e perceber que todo esse trabalho era necessário.
- À dona Clara Cherker Gorender, por participar desta pesquisa e a me proporcionar condições para me dedicar à Graduação em Pedagogia; à minha sogra Ana Cherker Gorender, por compreender todo meu cansaço e meu trabalho durante a execução deste trabalho.
- À Coordenadora do InvestUERJ Maria Christina de M. L. da Silva, por facilitar minha participação no Projeto, mesmo tendo que levar minha filha por todo período 2007.1 (que na época tinha apenas 3 meses) para poder amamentá-la, por me transmitir conhecimentos e pela amizade que temos até hoje.
- À minha orientadora Regina de Fatima de Jesus, por sua amizade, paciência, conselhos e por ter caminhado comigo em todo o processo de aprendizado, tanto na disciplina EJA I, quanto nesta pesquisa.
- Aos meus amigos da turma 2005.1 de Pedagogia, aqueles que me acompanharam desde o início da faculdade e me proporcionaram alegrias, sendo sempre companheiras ao longo de toda minha formação, em especial: Regina de Albuquerque, Fernanda Galvão, Nathalia Monteiro e Milena Melo.

RESUMO

Este trabalho busca trazer ao diálogo as vozes dos sujeitos que compartilharam experiências durante minha trajetória no Projeto InvestUERJ – bolsistas-orientadores, alunos do projeto (trabalhadores da UERJ) e minha própria práxis neste tempo-espço, a fim de

melhor co-construirmos práticas pedagógicas que atendam aos interesses específicos desses sujeitos da EJA. Ao utilizar como opção metodológica as narrativas dos sujeitos da EJA, busco valorizar as histórias individuais/ coletivas no sentido de possibilitar uma maior reflexão sobre as dificuldades e as potencialidades desses alunos, a fim de compreender quais os melhores caminhos para superá-las e/ ou aprender com elas. Assim, as narrativas orais foram espaços privilegiados para a apreensão e compreensão da importância da reflexão sobre as ações da prática cotidiana, pois ao trazer as histórias de vida dos sujeitos, juntamente com as experiências dos bolsistas-professores do Invest, percebi que as dificuldades não eram só vivenciadas por mim, mas faziam parte dos desafios do/no cotidiano escolar. Tendo em vista a complexidade de questões que envolvem a Educação de Jovens e Adultos, ao realizar esta pesquisa, passei a perceber a importância de colocar-me como professora-pesquisadora, investigando a própria prática no sentido de possibilitar a ressignificação da mesma, de compreender as verdadeiras necessidades dos sujeitos, a fim de proporcionar uma educação voltada para a transformação social.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Narrativas dos Sujeitos da EJA; Prática Pedagógica;

ABSTRACT

This work intends to create a dialogue of voices of those who shared experiences during my program with the Project InvestUERJ - advisors who gave orientations, students in the project that shared experiences during my program in the InvestUERJ Project (workers of the UERJ), and my own practice in this time and space - in order to better co-construct practical pedagogy that addresses the specific interests of the people of EJA. By using a methodological approach that examines the narratives of the people of EJA, I seek to value the collective and individual histories to reflect upon the difficulties and the potentialities of these students, as a means to understand which of these paths are exemplars and to learn from them. Thus, the verbal narratives were privileged spaces to capture and understand the reflections on practical actions of the participants. Therefore when bringing life histories of the participants, together with the experiences of the advisors of InvestUERJ, I perceived that the difficulties were not only experienced deeply by myself, but were part of the challenges of daily school life. In view of the complexity of questions that involve the Education of Youth and Adults, when carrying out this research I began to understand the importance of my role as teacher-researcher - researching my own practice in a way to make new meaning of this practice - to understand the true necessities of people in order to provide an education directed towards social transformation.

Key-Words: Education of Youth and Adults; Participant Narratives of EJA; Practicum pedagogy;

ABREVIATURAS E SIGLAS

InvestUERJ	Instituto Supletivo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
FFP	Faculdade de Formação de Professores
DEDU	Departamento de Educação

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo I - Um pouco da caminhada para investigação.....	13
Capítulo II - Caminhos teórico-metodológicas da pesquisa.....	16
Capítulo III - Uma experiência com a turma.....	23
Capítulo IV - A palavra dos sujeitos do InvestUERJ:.....	26
4.1 - Os bolsistas do Projeto.....	26
4.2 - Os alunos do Projeto.....	55
Conclusão - Uma jornada sem fim.....	79
Referências Bibliográficas -.....	84

Introdução - Anunciando os primeiros passos e convidando a caminhar

Devemos compreender as pessoas em suas diferenças, enquanto indivíduos que possuem uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamento e hábitos que lhes são próprios (DAYRELL, 2001, p.140).

Os discursos sobre os indivíduos que ingressam na educação de Jovens e Adultos, geralmente, os tratam de forma reducionista: como jovens e adultos alunos, excluídos, com baixa escolaridade, oprimidos, marginalizados, pobres, negros, enfim condicionados a um lugar reservado, limitados a ter somente uma identidade, como se todos esses sujeitos fossem homogêneos, ou seja, negada sua heterogeneidade em função da pertença comum—alunos da EJA.

Quando tive a oportunidade de me tornar bolsista do Projeto InvestUERJ, me deparei com uma realidade diferenciada, em que aquela previsibilidade da lógica escolar que se resume em: ensinar e transmitir conhecimento; conteúdos padronizados; provas e notas; certo e errado; bons alunos e maus alunos, entram em choque com o verdadeiro cotidiano escolar: *o da imprevisibilidade, a heterogeneidade e o caos que se fazem presentes nas relações humanas* (ESTEBAN, ZACCUR, 2002, p.19). Assim, quando inserida neste contexto, percebi que era necessário ampliar minha visão sobre aqueles sujeitos. Pensar neles como indivíduos singulares, com diferentes histórias de vida, de diferentes faixas etárias, pertencentes a diferentes classes sociais e grupos étnico-raciais, com diferentes opções religiosas e tendo expectativas diferenciadas em relação aos estudos e à vida, enfim, fui percebendo essas diferenças e pensando em possíveis práticas para melhor interagir com o grupo.

Assim, por acreditar que as diferenças nos fazem crescer e aprender com elas resolvi desenvolver minha pesquisa, que ora apresento neste trabalho monográfico, investigando o próprio cotidiano onde atuo como bolsista – o projeto InvestUERJ, que é voltado para a Educação de Jovens e Adultos trabalhadores¹, tendo como nomenclatura oficial: Instituto Supletivo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Não saí a

¹ Embora utilize o termo Educação de Jovens e Adultos (EJA) no trabalho monográfico, a terminologia utilizada nos documentos do InvestUERJ é, nomeado como Ensino Supletivo, tendo em vista que o Projeto em questão foi implantado em 1993.

procurar um objeto de pesquisa, compreendi, só precisava aprender como olhar/ ouvir/ sentir melhor o espaço cotidiano, seus sujeitos e as práticas que se desenvolvem neste contexto, a fim de orientá-las melhor em função dos jovens e adultos que fazem parte do projeto.

O InvestUERJ é um Projeto que tem os seguintes objetivos: oferecer educação básica àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria; contribuir para o desenvolvimento do indivíduo, resgatando uma concepção de ensino integrado à formação para o trabalho e para a cidadania; criar campo de estágio para alunos das diversas unidades acadêmicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e de instituições conveniadas, mediante projetos de estágios supervisionados e outras modalidades de estágios na área de Educação de Jovens e Adultos; gerar, implementar e divulgar novas metodologias e abordagens para a educação de jovens e adultos através do desenvolvimento de ensino, pesquisa e extensão; implementar e divulgar novas metodologias e abordagens para a educação de jovens e adultos através do desenvolvimento de ensino, pesquisa e extensão².

O projeto tem como público-alvo, servidores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, visando facultar-lhes oportunidade de acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio.

Assim, no primeiro capítulo, **Um pouco da caminhada para a investigação**, busco evidenciar o lugar que ocupei e ocupo, atualmente no InvestUERJ, como fui construindo a proposta de investigação e qual o objetivo da mesma; no segundo capítulo, **Caminhos teórico-metodológicos da pesquisa**, vou trazendo os pressupostos que alicerçam esse trabalho, evidenciando o quanto minha prática pedagógica e a prática pesquisadora se complementam, contribuindo para a transformação da realidade. No terceiro capítulo, **Uma experiência com a turma**, busco trazer algumas atividades/ projetos realizados com a turma, no sentido de esclarecer como foram meus primeiros caminhos para a pesquisa, fazendo uma reflexão sobre a minha prática em sala de aula. No quarto e último capítulo, **A palavra dos sujeitos do InvestUERJ**, procuro trazer os dados das entrevistas: as narrativas, tanto dos bolsistas, como dos alunos do InvestUERJ, a fim de promover um questionamento sobre elas, procurando construir caminhos reflexivos sobre minha formação, na tentativa de ampliação de um debate envolvendo as dificuldades e as possibilidades de mudanças que envolvem a educação de Jovens e adultos. Através desse estudo, das reflexões que emergem das práticas narradas, considero os enfoques culturais pertinentes, configurando os encontros/

² Texto extraído do Documento: PROPOSTA PEDAGÓGICA, Coordenadoria de Ensino, pesquisa e extensão do trabalhador - InvestUERJ, Universidade do Rio de Janeiro.

desencontros no exercício docente em relação aos sujeitos jovens e adultos, tentando apontar as implicações da pesquisa em prol da transformação da prática docente. Na conclusão, **Uma jornada sem fim** vou tecendo reflexões finais/ provisórias para este estudo que não se finda com o trabalho monográfico, mas que anuncia a importância de percebermos o cotidiano da EJA em sua potencialidade para nos construirmos professores-pesquisadores mais conscientes de nosso papel na transformação social.

Capítulo I - Um pouco da caminhada para a investigação

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura do esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 1996, p.32).

O presente trabalho parte da intenção de investigar o InvestUERJ, principalmente devido ao fato de ter-me tornado bolsista deste projeto no segundo semestre de 2007, ou seja, de ter começado a conviver com este grupo, compreendendo, como nos ensina Dayrell, *as pessoas em suas diferenças, enquanto indivíduos que possuem uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamento e hábitos que lhes são próprios* (2001, p.140).

No segundo semestre do ano de 2007 ingressei no InvestUERJ como orientadora-bolsista. Minha função, juntamente com outra orientadora-bolsista, era orientar os professores-bolsistas em relação aos planos de curso, planos de aula, atividades desenvolvidas, avaliações, dentre outros aspectos. Ao me entregarem os planos de curso ou de aula, juntamente com as atividades realizadas, procurava verificar quais conteúdos estavam sendo trabalhados, se estavam adaptados às realidades dos alunos do curso, dentre outras questões que giravam em torno do principal objetivo, que era melhorar a prática dos bolsistas em sala de aula, a fim de contribuir para o desenvolvimento dos alunos servidores da UERJ.

Este novo desafio – estar orientando os bolsistas para melhor desenvolverem o trabalho junto aos alunos servidores – intrigava-me muito no sentido de descobrir qual poderia ser a melhor metodologia a usar com aqueles alunos, tendo em vista seu retorno, muitas vezes tardio, aos estudos. Assim, perguntava-me também: o que eles pretendiam ao voltar a estudar? O que pretendiam fazer após o término do curso? Qual/ quais matéria/as dada/s poderia/am atender suas necessidades e/ou suprir as dificuldades desses alunos, tendo em vista o contexto histórico-social de exclusão dessas pessoas na sociedade? Que práticas alternativas usar para que fossem incentivados a dar continuidade aos estudos? Ou seja, tendo em vista que a compreensão de que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) têm outras

funções, além da função reparadora (Cury, 2000), há também a construção de trabalhar buscando a cidadania plena dos sujeitos envolvidos no projeto. É necessário oportunizar a esses sujeitos que retornam às salas de aula, a continuidade nos estudos. Assim, preocupava-me com esta questão de que não se restringissem somente ao diploma de 2º grau (Ensino Médio), e sim, que fossem estimulados a prestarem vestibular, exercendo o direito de ingressar numa universidade.

No primeiro semestre deste estágio, não tinha um contato mais direto com estes alunos, porém, através de conversas informais descobri que a diversidade entre eles era um fator a ser considerado. Alguns tinham interesse somente em se formar e pronto. A maioria, justificava isso pelo fato de já estarem se aposentando. Outros demonstravam interesse em continuar os estudos de alguma forma. Ou seja, para a grande maioria, o que importava era garantir o diploma de 2º grau.

Terminado o ano de 2007, continuei estagiando no InvestUERJ. Só que nesse semestre, as minhas coordenadoras me ofereceram outra atividade: assumir as aulas de Redação, e reforço em Matemática para uma das turmas – a turma C, composta de sete alunos. Fiquei muito feliz, já que nunca havia lecionado, seria um novo desafio para mim. Tinha medo ao mesmo tempo, aliás, continuo tendo, já que considero uma responsabilidade maior a de ser professora. Além da responsabilidade relacionada à pontualidade, perseverança, “jogo de cintura”, dentre outras que considero que todo professor³ deva ter, minha maior preocupação era com o conteúdo a ser trabalhado: o quê e como trabalhar e por onde começar. Preocupações que já tinha no papel de bolsista-orientadora, mas que tomaram outra dimensão ao ser convidada a ocupar o lugar de professora.

Essas questões afluíam em minha cabeça, confesso que suava frio, questões que me desafiavam porque eu queria e quero ser uma boa profissional. Assim, precisava refletir sobre a íntima relação entre a responsabilidade da atuação pedagógica por parte do educador em desenvolver ações que possam contribuir para o desenvolvimento desses educandos, a partir da compreensão de suas realidades, de suas necessidades e a forma como os educandos participam desse processo.

Para tal, algumas questões me acompanharam na tentativa de compreendê-los, para além de “alunos da EJA”, mas como sujeitos sócio-histórico-culturais:

Quem são esses indivíduos, sujeitos da EJA?

O que poderia ter motivado o retorno desses alunos à escola?

³ Coloco como forma geral professor, referindo tanto a professor, quanto a professora.

Como essa escola deve ser/ fazer para atender as especificidades desses sujeitos que a ela retornam?

Como deve ser o tempo escolar e a organização de tempo-espço de EJA?

Como superar positivamente a defasagem que trazem?

Quais as perspectivas desses alunos ao completarem o estudo básico?

Quais estratégias podem ser utilizadas para trazer a atenção desses alunos para os conteúdos programáticos específicos a serem trabalhados?

Partindo do interesse em melhor buscar propostas metodológicas e curriculares a serem utilizadas, a fim de contribuir com o desenvolvimento dos alunos que fazem parte do Projeto InvestUERJ, percebi que minha problemática central diz respeito a buscar compreender o cotidiano do curso, as interações que se estabelecem neste tempo-espço, como os sujeitos (educandos da EJA) vêm e percebem sua participação no InvestUERJ, e as possíveis contribuições desse projeto em suas vida – trajetórias pessoais e profissionais.

Colocando-me no lugar de professora-pesquisadora, ainda em formação (e sempre em construção), percebo que foi a partir desses questionamentos, dessas curiosidades surgidas no decorrer do estágio de iniciação à docência, que novas e maiores possibilidades diante frente à prática, foram auxiliando-me nos caminhos de construção do processo pedagógico. Toda a teoria que era trabalhada tanto na Universidade (UERJ/FFP), quanto nas reuniões pedagógicas, significavam meios de reflexão, me auxiliando como “um suporte” para a prática no InvestUERJ e permitindo-me perceber que *prácticateoriaprática* são indissociáveis, pois no meu fazer, embora nem me percebesse, havia teoria. Segundo Esteban e Zaccur (2002), é preciso: *... dar ao aprofundamento teórico o sentido de buscas de respostas, que se abrem a novas perguntas num movimento que não se encontra um ponto terminal*. E, continuando, as autoras sugerem: *...abrem perspectivas de maiores e melhores aproximações do objeto investigado, desvendando ângulos novos de uma realidade multifacetada* (p.15). Ou seja, a busca dos conhecimentos não tem um fim. No decorrer do tempo em que o professor-pesquisador vai procurando as respostas, se aprofundando e atrelando esses questionamentos a um diálogo entre teoria-prática (que se faz através do estudo, da busca e da pesquisa), as indagações vão sendo respondidas, mas também novas vão sendo afloradas, como se fosse um ciclo de busca do saber. Portanto, sua prática se torna um “*fazer pensando*” e que contribui para um processo de construção de conhecimento mais significante.

Assim, meu objetivo neste trabalho monográfico é de trazer ao diálogo as vozes dos sujeitos que compartilharam experiências durante minha trajetória no Projeto InvestUERJ – bolsistas-orientadores, alunos das Turmas C e D (trabalhadores da UERJ) e minha própria

práxis neste tempo-espço, a fim de melhor co-construirmos práticas pedagógicas que atendam aos interesses específicos desses sujeitos da EJA.

Capítulo II - Caminhos teórico-metodológicas da pesquisa

... Esta educação, em que educadores e educando se fazem por sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador “bancário”, supera também a falsa consciência do mundo (FREIRE, 1987, p.75).

Os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa foram se anunciando, já de início, pela temática escolhida, bem como, emergindo da necessidade de compreender os sujeitos jovens e adultos em suas especificidades. Assim, Paulo Freire tem acompanhado cada passo da pesquisa, referenciando teoricamente este trabalho, não só por trabalhar com Educação de Jovens e Adultos, mas por sua inegável contribuição para pensarmos possibilidades emancipatórias para a Educação Popular. Criticando os métodos tradicionais (matéria dada séries de alunos/idade própria escolar) usados para o público de Jovens e adultos, ele acreditava que para essa modalidade de ensino, o educador deveria utilizar uma metodologia, cujos conteúdos fossem trabalhados a partir de temas significativos, relacionados às realidades dos alunos, ou seja, de seus cotidianos, do contexto real vivido por eles (educandos), pois para Freire: *educação das massas se faz algo de absolutamente fundamental entre nós. A Educação que, desvestida da roupa alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação* (FREIRE, 1980, p.36).

Relacionando minha atuação como bolsista e pesquisadora, tendo em vista que investigo minha própria prática e o cotidiano onde atuo, tenho buscado desenvolver um trabalho embasado nos pressupostos freireanos e, com isso, percebo o progresso na aprendizagem dos educandos, que interagem de forma bastante satisfatória, superando dificuldades, auxiliando-se mutuamente nas atividades propostas. Com Paulo Freire aprendemos que somos todos sujeitos do processo ensino-aprendizagem, somos todos *ensinantes-aprendizes*, e, por isso, o foco desloca-se do ensino e de quem ensina, para a aprendizagem e para quem e como aprende. Assim, faz-nos verificar as dificuldades e as potencialidades desses alunos (como uma prova concreta) e de como podemos superá-las e/ou aprender com elas. Isso faz com que busquemos respostas, para atingir o objetivo de melhorar cada vez mais a nossa prática, partindo da investigação de como os alunos podem

aprender melhor, atendendo às suas necessidades e estimulando cada vez mais a superarem seus limites e transformarem a realidade.

Além de Paulo Freire, uma autora muito presente e que, também, referencia o trabalho de pesquisa é Madalena Freire (1996). Em sua obra: *Observação Registro e Reflexão – Instrumentos Metodológicos* (1996), juntamente com outros autores, nos mostra a importância não só de estar junto ao aluno, trabalhando a oralidade, mas também da importância do saber olhar, observar, de entender o que acontece com o aluno sem que se expresse verbalmente, ou seja, utilizar-se de outros sentidos para compreendê-lo e entender o que ele necessita. Além disso, a avaliação não pode ser vista apenas em relação ao aluno, mas em relação a nossa atuação como professores e ao espaço pedagógico. Considero que a leitura do texto, que é de grande sensibilidade, consiste num importante suporte, ajudando-nos na busca de respostas, mesmo que provisórias, para as ações pedagógicas. E, se o contexto educacional no qual estamos inseridos é fruto de investigação, *a roda e o registro* nos auxilia na compreensão da realidade da pesquisa.

Neste sentido, considero que os autores que trago, de certa forma, também dialogam, pois nos ajudam a melhor compreender os sujeitos com os quais convivemos cotidianamente. Ao trabalhar com jovens e adultos, percebi que como Paulo Freire, devemos fazer um diagnóstico inicial de como esses alunos estão, para depois partir para as necessidades dos mesmos. Após isto, mediar, orientar, organizar sempre as atividades voltadas para a conscientização, o pensar o mundo. Ou seja, um primeiro passo para formar alunos críticos consiste em planejar as ações junto com os mesmos, dando espaço para suas propostas, para que possam refletir e discutir o que está posto.

Assim, somos instigados a pensar em possibilidades transformadoras. O que poderá ser feito de novo, levando em conta o seu meio histórico e de vivência, e adaptando para que as propostas sejam mais concretas e importantes para a reflexão? Temáticas que envolvem a realidade dos alunos são trabalhadas cotidianamente.

Para tal, o trabalho com o jornal é de extrema importância pois permite aproximar a realidade local (micro) com a realidade nacional/ mundial (macro), no sentido de articulá-las a fim de desvendar as condições de vida dos alunos, tornando as atividades e os debates realizados mais ricos e estimulantes para estes sujeitos sócio-histórico-culturais. Desta maneira e de outras, que partem de situações concretas, vamos buscando formas de trabalharmos com os alunos a partir de outros referenciais.

Neste sentido, outros referenciais são trazidos ao diálogo, pois emergem das narrativas e nos ajudam a melhor compreender melhor a realidade pesquisada. Assim, minha

proposta metodológica alicerçada principalmente nos pressupostos de Paulo Freire para uma educação libertária e cidadã, precisava buscar uma metodologia condizente com minha proposta de pesquisa.

Em toda pesquisa é necessário que o pesquisador decida qual a melhor forma de coleta de dados para realização de trabalho. Ou seja, tendo em vista o objetivo da pesquisa, busquei através das narrativas dos meus colegas de trabalho (os bolsistas) e os alunos, dialogar/trocar experiências a fim de obter “possíveis” respostas para minhas indagações e inquietações em busca de novos conhecimentos. É preciso não esquecer que conteúdo e forma precisam andar juntos. Assim, nesta pesquisa utilizei a observação do cotidiano do Projeto InvestUERJ, lancei mão de imagens, de vídeos, além de realizar entrevistas com os sujeitos inseridos no projeto – alunos e bolsistas. Segundo Buford Junker (1971), pode haver variações dentro de um *continuum* da pesquisa, que vai desde a total explicitação até a não revelação. Os quatro pontos desse *continuum*: “participante total”, o observador não revela ao grupo sua verdadeira identidade de pesquisador nem o propósito do estudo; “participante observador”, não oculta totalmente suas atividades, mas revela apenas parte do que se pretende; “observador como participante”, onde a identidade do pesquisador e os objetivos do estudo são revelados ao grupo pesquisado; e “observador total” é aquele que não interage com o grupo observado, às vezes pode até fazer uma atividade sem ser visto, não estabelecendo assim, relações interpessoais.

Em minha investigação, optei por trabalhar como “observadora participante”, pois, além de ser uma das bolsistas que atua junto aos alunos do Projeto, desde o início de minha pesquisa revelei minha identidade e o objetivo do meu estudo a todos os sujeitos envolvidos na pesquisa. Segundo o autor, esta forma de investigação é vantajosa, pois pode facilitar ao pesquisador conseguir uma gama de informações variadas, até mesmo confidenciais, dependendo da cooperação e da vontade do grupo. E, considero que assim ocorreu com a pesquisa que realizei.

Desde o início fui dialogando com meus alunos sobre o grande interesse que eu tinha em investigar a realidade do Projeto e de seus sujeitos, buscando melhor compreender o porquê de estarem ali; suas expectativas e perspectivas para além do Curso, dentre outras questões que me instigavam como bolsista preocupada em desenvolver um bom trabalho, não desconsiderando suas *palavramundo*, como me ensina o mestre Paulo Freire (1988). Portanto, em minha investigação, tive a preocupação com a questão ética que envolve um trabalho de pesquisa, principalmente em se tratando de uma pesquisa que busca ouvir a palavra dos sujeitos que precisavam estar em concordância com a proposta da mesma.

Junto a minha orientadora Regina de Fatima de Jesus, optei por trabalhar com entrevistas, pois compreendi que: *a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados* (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 34).

Elaborei um pré-roteiro a me guiar na entrevista, levando em conta os aspectos que pretendia estar trazendo ao diálogo, de maneira que o entrevistado ficasse à vontade para fazer suas colocações, não se limitando a respostas pré-estabelecidas.

Segundo Lüdke e André:

O entrevistador precisa estar atento não apenas ao roteiro preestabelecido e às respostas verbais que vai obtendo ao longo da interação. Há uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, hesitações, alterações de ritmo, enfim, toda comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito (1986, p.36).

Neste sentido, após fazer as entrevistas e transcrevê-las, fiquei muito satisfeita de ter feito esta escolha no processo da pesquisa, pois este momento de diálogo consistiu numa forma de “matar a saudade” de todos os meus alunos e alunas, bem como de toda equipe do InvestUERJ. Apesar de compreender com Portelli (1997), que *toda transcrição é um tipo de tradução*, pois na passagem da oralidade para a escrita, muito se altera, considero ter conseguido captar a aura do momento. Não só pelo fato de “matar a saudade”, mas a entrevista foi enriquecida no sentido de ouvir e sentir aqueles sentimentos, as expressões que me recordava ao digitalizar as respostas e ver o que no ambiente e sentimentos no momento, influenciava ou não o diálogo que se estabeleceu.

Um exemplo disso foi o fato de entrevistar minha aluna Rosângela em um dia em que estava chateada (ela tinha acabado de saber que tinha ficado em recuperação em três matérias). Como a conheço bem, percebi que, naquele momento, seu estado influenciou muito nas respostas dadas na entrevista. Muitas respostas foram dadas de modo reducionista, impaciente e ríspido.

Foi muito enriquecedor o trabalho de transcrição das entrevistas, evidenciando não ser esta uma tarefa meramente técnica, mesmo tendo sido eu a entrevistadora, várias vezes precisei voltar a ouvir para entender o que cada entrevistado estava falando. O fato de transcrevê-las logo após o término de cada entrevista, também facilitou a tarefa de lembrar dos fatos, ajudando na execução do trabalho de análise, além de facilitar que pudesse apontar os

aspectos mais importantes e adicionar nomes não mencionados. Por exemplo: “*Aquela turma é mais competitiva*” (depoimento da bolsista Glauciane se referindo a turma D).

O fato de ter realizado as entrevistas no final de um semestre (das aulas no Invest), comprometeu um pouco o processo, pois coincidiu com período de avaliação, recesso, conclusão de curso para alguns etc. Assim, como o tempo estava curto, optei por iniciar as entrevistas com a Turma D, que iria se formar, no entanto, somente seis alunos (Admilson da Silva, Antonio Carlos, Ivone, Maria de Fátima, Maria da Glória e Walmir dos Santos) aceitaram gravar as entrevistas, o restante quis responder somente o questionário (de forma escrita). Com a Turma C, o processo foi mais fácil, pois eu era a professora da turma e estava sempre com meus alunos e alunas, por isso todos os alunos participaram da entrevista.

No InvestUERJ 2008.1 eram duas turmas: A turma C (corresponde ao segundo ano do Ensino Médio) e a turma D (que corresponde ao terceiro ano do Ensino Médio). A turma C, era a turma em que eu atuava, composta por cinco alunos, pois dois haviam desistido; e a turma D, era composta por onze alunos. O número de bolsistas era de sete no total. Alair trabalhava com Sociologia e Filosofia para as duas turmas, Cristiano era o professor de Química das duas turmas, Gianna, de Língua Portuguesa, nas duas turmas e de Redação na turma D, Geudo era o professor de História nas duas turmas, Glauciane, de Geografia nas duas turmas, Rosana trabalhava com Matemática e Física nas duas turmas, e por fim, eu trabalhava com Redação na turma C e reforço em Matemática na turma C. Dos cinco bolsistas, somente o bolsista Geudo não foi entrevistado, pois já havia um tempo que ele não comparecia ao InvestUERJ devido a problemas pessoais.

A diferença de uma entrevista gravada para um questionário respondido é muito grande. As entrevistas gravadas têm por si só uma série de vantagens que já foram citadas anteriormente (podemos perceber os sentimentos, expressões, gestuais etc.), além de perceber também o estilo de cada um dos entrevistados, pois é um momento de diálogo entre sujeitos, que mesmo em posições diferenciadas – entrevistadora e entrevistado – há uma temática e um interesse comum. Procurei fazer a entrevista do modo em que se sentissem à vontade, ficando receptiva às suas respostas e, assim, esperava que eles se sentissem orgulhosos e importantes, afinal a palavra deles ali era de extrema relevância para mim. Portelli (1997) nos fala ainda, que a palavra mais importante num trabalho com história oral, é do nosso depoente, pois é ele quem traz as informações importantes para compreendermos o contexto da pesquisa: *podemos ter status, mas são eles que têm as informações e, gentilmente, compartilham-nas conosco* (p.25). E, se nos mantivermos receptivos e à escuta, valorizando não o que queremos saber,

mas o que os depoentes têm a dizer, mais rico ainda se torna o processo, pois segundo o autor, estamos *falando não com fontes, mas com pessoas*.

Quanto aos questionários respondidos (de forma escrita) ficam lacunas, aspectos que poderiam ser melhor esclarecidos, colocados em diálogo. Por exemplo, ao ser perguntado por que teria parado de estudar, a resposta de um dos alunos da Turma D, foi: *trabalho*. Apesar de sabermos que muitos de nossos alunos jovens e adultos têm sua escolaridade interrompida por motivo de trabalho, numa entrevista poderíamos indagar mais e sentir para além da palavra dita/escrita: *trabalho*. Diferente da resposta de um entrevistado que, ao ser indagado sobre qual o motivo o levara a parar de estudar, ofereceu mais informações a respeito da causa. Na resposta a um questionário, por outro lado, a pessoa responde, em geral, de uma forma muito objetiva (empobrecida de informações). Por exemplo, na entrevista do aluno Antonio Carlos, perguntei o motivo pelo qual ele havia parado de estudar. Sua resposta foi a seguinte:

É que houve necessidade de eu trabalhar, naquela época os pais cobravam um pouquinho mais, e me colocou no trabalho. A principio eu fazia curso profissionalizante, eu fiz o profissionalizante, mas eu comecei a trabalhar e desisti de estudar. Fui e parei, não tive um motivo assim taxativo, foi por conta mais de mim mesmo. Já tinha família também, logo depois veio a família...

Pois bem, acredito que se fizesse esta mesma pergunta em forma de questionário escrito, ele não teria dado uma resposta tão completa e aprofundada, fazendo-nos perceber sua realidade e contexto de vida no momento em que interrompera os estudos. Nota-se de uma forma clara, através desses dois exemplos citados, as diferenças entre as duas técnicas: entrevista gravada e questionário escrito, pois se este se limita, muitas vezes, a informações breves e com a entrevista, estabelece-se um diálogo, permitindo adaptações, intervenções e esclarecimentos, tornando-se mais eficaz e rica para a obtenção de dados para a pesquisa.

As entrevistas realizadas com os bolsistas do Projeto foi, também, muito tranquila e bem acolhida pelos colegas, ou seja, não houve nenhum tipo de resistência e/ ou reclamação a respeito da proposta de entrevista. Preferencialmente, realizamos as entrevistas após o término das aulas, com exceção da bolsista Rosana que foi entrevistada, excepcionalmente, em um dia em que a atividade do Invest era um almoço de despedida para os alunos da turma D, que estavam terminando o segundo grau. Este evento não é uma formatura em si, pois esta se dá em

novembro⁴. Mas como o InvestUERJ sempre teve este objetivo de valorizar, incentivar estes alunos a continuarem a estudar, foi proposto um almoço onde houve agradecimentos, homenagens a esses alunos e aos bolsistas que estavam se despedindo⁵ também, entre outras que fazem parte dessas comemorações de praxe em eventos escolares.



Foto do almoço de homenagem aos alunos da turma D.

⁴ Era a previsão do acontecimento da formatura da turma D. Porém, depois foi decidido que a formatura ia ser feita junto com os alunos da turma C, que passariam para turma D e iriam se formar. Porém, até hoje (16/07/09), a formatura ainda não foi realizada.

⁵ *Aos bolsistas que estavam se despedindo* - Todo bolsista tem um prazo máximo a permanecer em um estágio. No InvestUERJ o limite é de dois anos. Referindo-se também aos bolsistas em que em outros motivos, se despediriam do Invest.



Foto de comemoração ao dia do Mestre. Nas extremidades as duas coordenadoras do Invest.

Capítulo III - Uma experiência com a turma

No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou atuar que se acrescente à ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa (FREIRE, 1996, p.29).

Para aprofundar um pouco o conhecimento da realidade dos meus alunos, na primeira aula de Redação, pedi que cada um se apresentasse, falasse em qual setor trabalha na UERJ e o que esperava da atividade que começaríamos a desenvolver. No entanto, já esperava que muitos deles não falassem sobre continuidade dos estudos, pois sabia que alguns estavam prestes a se aposentar. Porém, tive uma surpresa, alguns deles mencionaram até mesmo a vontade de se inscreverem no vestibular, ao final do curso. Tal fato deu-me uma luz em como avançar nas aulas seguintes.

Tinha clareza de que não queria e não quero trabalhar conteúdos distanciados da vida cotidiana dessas pessoas (me lembro que no ensino fundamental e 2º grau, tive algumas matérias que pareciam não servirem para nada, os conteúdos eram dados de forma que nos limitávamos a decorar), não quero me tornar somente uma ponte para passar algo, transmitir conhecimento (como se eu fosse a detentora do conhecimento), avaliar os alunos e pronto – “se aprendeu, aprendeu, se não, paciência!” – Não quero isto. Daí a reflexão sobre que aula programar quais conteúdos trabalhar, quais estratégias usar com intuito de satisfazê-los, de encorajá-los e estimulá-los a continuarem os estudos.

A proposta aqui defendida, é de que a escola seja vista como um lugar onde se constituem memórias, ou seja, onde se busque a valorização da memória local, da cultura local, dos modos pelos quais se constroem e através dos quais os sujeitos interferem na configuração do espaço, e como essas configurações são capazes de resignificar a produção subjetiva acerca desses indivíduos, possibilitando que as mesmas produzam identidades mais condizentes com suas formas de ser e estar no mundo.

Por meio das leituras feitas na faculdade sobre Educação de Jovens e Adultos, compreendo a importância de conhecer esses indivíduos, a fim de entender suas expectativas e as características dos estudantes trabalhadores (mais um desafio: em tornar a aula dinâmica, pois muito deles dormem de cansaço), partindo da realidade dos alunos para atingir os objetivos do curso.

Assim, como não sou da área de Letras, fiquei bastante apreensiva ao assumir esta turma, pois se torna mais difícil abordar certos temas, certos conteúdos sem ter um embasamento maior para trabalhá-los. A partir de outros referenciais, tenho buscado caminhos para meu aprimoramento, tenho estudado bastante, pesquisado sobre as temáticas que podem ser do interesse dos alunos, investigado acerca da melhor metodologia para trabalhar os conteúdos etc, lembrando de que Freire (1996) já havia dito que *a pesquisa é inerente à prática docente*. Desta forma, como *ensinantes e aprendizes* que somos, vamos nos ensinando e aprendendo juntos, vou entendendo suas dificuldades e as minhas próprias dificuldades, colocando-me, principalmente, como uma aprendiz interessada em seus saberes e tendo uma visão menos rigorosa ou preconceituosa em relação às limitações, às dificuldades apresentadas por esses educandos.

Em outro momento desta primeira aula, pedi que os alunos fizessem um resumo do texto que tinha sido trabalhado em classe. Esse resumo, tinha como principal objetivo em verificar o grau de escrita desses alunos, para saber, então, como avançar nas atividades e ações da aula. Percebi que alguns estavam bem adiantados, com erros comuns de escrita, porém, outros estavam com o processo de escrita muito aquém do esperado.

Dentre os resumos feitos, me chamou atenção a redação do aluno Antônio Carlos, um aluno que, pela postura em sala de aula, parece ser muito inteligente e interessado. Ao ler seu resumo, percebi que tinha boas idéias, coerência e coesão na escrita, mas em relação à normatização da língua escrita, ele apresentava muitos problemas. Sua redação não apresentava sequer parágrafo, utilizava a pontuação de forma inadequada, acentuação indevida etc. O fato de não ter dado continuidade aos estudos pode ter causado tais problemas na escrita, no entanto, este não era um problema difícil de resolver, pois a gramática pode ser

ensinada nas próprias produções textuais dos alunos e, o mais importante foi descobrir que esse aluno era um leitor, gostava muito de ler, segundo ele, principalmente as leituras evangélicas.

Percebendo essas dificuldades, poderia desenvolver projetos a fim de conseguir atingir uma das minhas metas: de que a turma desenvolvesse o gosto (hábito) da leitura e da escrita. Assim, parti para a idéia de desenvolver um projeto com o tema: Adote um livro!

Ao trazer estas atividades desenvolvidas em aula tenho o propósito de mostrar o quanto Paulo Freire, Madalena Freire, dentre outros autores nos ajudam como educadores a implementar ações que visem a transformação da realidade de nossos alunos, nos ajudam a desenvolver a criatividade, a construção de competência em nossas ações. Competência esta que está sempre em re-construção, tendo em vista que a realidade se modifica cotidianamente e com ela, novos obstáculos precisarão ser superados na prática educativa. E, é essa vontade e é esse querer, o querer de mudança e de superação que me “instiga” a aprender cada vez mais sobre os meus alunos e sobre minhas atitudes como professora.

Os canais de debates também são propostos nas reuniões pedagógicas que acontecem todas as terças-feiras, das 13 às 14 horas numa das salas ocupadas pelo InvestUERJ, sendo um aval de reflexão e auxílio, não só para mim, mas também para todos os outros bolsistas que atuam no InvestUERJ, além dos estagiários de prática zero⁶. Nas reuniões são levantadas questões que priorizam o bom andamento de todo InvestUERJ, transfigurando-se essa como um *locus* privilegiado de produção de novas subjetividades.

⁶ Estágio Supervisionado, estágio obrigatório curricular.



Bolsitas do InvestUerj. Uma dinâmica sendo realizada.

Capítulo IV - A palavra dos sujeitos do InvestUERJ:

4.1. Os bolsistas do Projeto

Uma ação educativa que se quer sustentada por uma práxis supõe uma prática reflexiva que possibilite a experiência de aprender prática docência no próprio percurso da prática docente (FORTUNA, 2006, p. 2, 3).

O cotidiano de trabalho como bolsista do InvestUERJ instigou-me a investigar junto a meus pares, outros bolsistas, as possibilidades da *práxis*, as práticas pedagógicas que se

propõem superar os desafios com os quais nos deparamos como professores em processo de formação, lançando um olhar para outras práticas futuras por meio das experiências compartilhadas neste contexto educativo.

Assim, a análise das entrevistas realizadas com os bolsistas não tem importância, apenas para este trabalho de pesquisa, mas significa para mim, mais uma forma de aprendizado e crescimento profissional, pois, junto às falas desses professores, são perceptíveis os desafios da *práxis*: as aflições, os sentimentos, tanto positivos quanto negativos, as dúvidas que qualquer professor tem em sua jornada em sala de aula. Com este movimento de pesquisa, passei a perceber que não era a única portadora destas dúvidas, sendo a troca de experiências nessa realidade e a prática atrelada a uma reflexão dos assuntos emergentes da mesma, a nos possibilitar aprender no/com o próprio cotidiano escolar. Neste cotidiano escolar, os suportes teóricos transformam e ajudam a entender a complexidade da escola, pois fora deste tempo-espaço, muitas vezes nos restringimos à teoria, sem ter o contato com a realidade escolar.

Desta maneira, ao tentar analisar/ compreender as respostas dadas pelos bolsistas, fui buscando abordar as questões que foram mais recorrentes, ou seja, que ficaram mais evidentes nas entrevistas, os assuntos/ temas que mais se destacaram, sob meu ponto de vista, a fim de buscar cada vez mais aprender e apreender conhecimentos a partir das experiências da prática docente.

Assim, algumas questões se destacam e a partir destas, vou trazendo as reflexões tidas com as diferentes e /ou semelhantes respostas dadas por meus colegas do Invest.

A opção por ser um bolsista InvestUERJ:

A maior parte dos bolsistas, ao ser questionada sobre o porquê de serem bolsistas do projeto em questão, respondeu que se interessou pelo InvestUERJ por ser um estágio de iniciação à docência e por ser em uma área com um público diferenciado, ou seja, a Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Ao início eu queria ter um estágio, para a experiência, e aqui no InvestUERJ eu consegui essa experiência com um grupo diferenciado que se encontra aqui (Bolsista Cristiano).

Porque é uma oportunidade da gente aprender lidar com um público diferente do que a gente costuma encontrar nas escolas regulares (Bolsista Glauciane).

Já de início, algumas questões se colocam para nosso início de diálogo: a necessidade que os alunos em formação sentem de vivenciarem a prática pedagógica, ou seja, de fazerem um estágio de iniciação à docência, pois apenas a experiência vivenciada no componente curricular Estágio Supervisionado parece não dar conta da demanda por formação durante o curso. Sendo uma matéria obrigatória (na minha graduação e no meu currículo)⁷, Estágio Supervisionado, considere, por minha experiência particular que ela deu uma visão de forma homogenia do ambiente escolar. O tempo de estágio é insatisfatório, faz-se, apenas, um diagnóstico rápido do cotidiano escolar, resultando, muitas vezes, em simplificações do que é complexo: o colégio que tem boa estrutura ou que não tem; há os alunos mais aplicados, e os alunos mais rebeldes; a professora “boa” ou a desmotivada, e por aí vai. Na verdade, tem-se uma visão superficial do cotidiano escolar, das questões que fazem parte daquele ambiente. No meu caso, nas atividades de estágio, eu não tive oportunidade de atuar em sala de aula, nem mesmo de participar de alguma atividade pedagógica e/ou administrativa. Os estágios resumiram-se à observação, elaboração de relatórios e críticas contextualizadas a respeito do observado.

A autora Ezpeleta, em: “*Pesquisa Participante*”, chama a atenção para nós, alunos, da importância em fazer a observação do estágio supervisionado de uma maneira não tradicional, onde não devemos fazer diagnóstico rápido.

Se o observador não pretende meramente confirmar o que já se pressupunha a respeito da escola, ele se espanta quando se depara com situações inexplicáveis por si mesma, sem relação possível com o que espera que aconteça. A alta frequência e diversidade destas situações ajudam a convencê-lo de que sabe bem pouco sobre a vida da escola (EZPELETA, 1986, p.16).

Concordo com a autora sobre a importância do ato da observação não ser feita com base em pressupostos superficiais ou ser vista de maneira imediata. Acredito que ao fazer um relatório da escola como um todo, esta pesquisa provavelmente trabalhará com as questões de um modo superficial. Mas quando nos focamos em uma problemática, sustentada com bases

⁷ Em 2008.1 já saiu um novo currículo para a Graduação de Pedagogia, no qual é obrigatório o cumprimento de Estágio Supervisionado I, II e III, modificando o anterior em que era obrigatório cumprir o Estágio Supervisionado I, II, III e IV.

teóricas junto à prática, recolhemos dados mais significativos do que se está investigando. E, volto a questionar: será que em uma atividade de Estágio Supervisionado se encontra tempo suficiente para se aprofundar questões pertinentes à prática pedagógica? Acredito que só quando você se insere na realidade escolar, só quando atua nela, encontram-se indagações para serem desvendadas a favor dela ou do seu trabalho. Na verdade, falo isso com base a minha realidade, pois somente após atuar na área da educação (após estagiar no InvestUERJ) que fui mobilizada a buscar respostas para certas tensões e questões relativas ao meu trabalho. Antes disso, quando trabalhava com telemarketing, o Estágio Supervisionado não passava, para mim, de uma matéria obrigatória a cumprir, pois não havia despertado o desejo de aprender, fato que só ocorreu a partir da experiência no Projeto, em que passei a perceber os desafios da prática e me apaixonei por ela: *aproximar-se da escola com a idéia da “vida cotidiana” significa algo mais que “chegar a observar” o que ali ocorre diariamente* (EZPELETA, 1986, p. 21).

Portanto, acho importante a matéria Estágio Supervisionado, mas penso que não é nela que extrairemos o necessário para atuar no mercado de trabalho. Porque acredito que a prática faz parte de um processo que vai se conseguindo através da atuação, das trocas de experiência junto a um embasamento teórico e essa junção se transformará em algo: conhecimento e aprendizagem.

A segunda questão levantada pelos bolsistas deve-se ao fato de ser a EJA – Educação de Jovens e Adultos – considerada *“algo diferenciado”, “uma modalidade diferente da educação regular”, “difícil de encontrar nas escolas.”*, como aparece nas falas dos (as) bolsistas.

Historicamente a EJA tem sido tratada de forma diferenciada pelas políticas públicas, por muito tempo ela foi feita fora de campo institucional da escola, do Estado. Desde os anos 40, quando foram implementadas as primeiras políticas públicas nacionais de educação escolar, até hoje, poucas coisas foram feitas (em relação às políticas públicas) em função dessa modalidade de ensino. É por isso que muitos autores, preocupados e inseridos nesta problemática, colocam o campo da Educação de Jovens e adultos como *um campo em redefinição* (PIERRO, 2005). Redefinição porque há muito que se pensar/ refletir e definir sobre a EJA. Há uma grande necessidade de pensarmos nas questões que englobam o campo da EJA no sentido de compreender: Como os parâmetros devem ser pensados para atender a essa realidade específica? Como deve ser a aplicabilidade, a fim de resolver os problemas dos sujeitos que não terminaram o estudo no tempo considerado devido? Como resolver o fantasma da evasão? Dentre outras perguntas que são postas e consideradas como desafios aos educadores, pesquisadores e demais envolvidos no campo da Educação de Jovens e Adultos.

Ao focalizar a escolaridade não realizada ou interrompida no passado, o paradigma compensatório acabou por enclausurar a escola para jovens e adultos nas rígidas referências curriculares, metodológicas, de tempo e de espaço da escola de crianças e adolescentes, interpondo obstáculos à flexibilização da organização escolar necessária ao atendimento das especificidades desse grupo sociocultural (PIERRO, 2005, p.1118).

Por muito tempo, na Educação de Jovens e Adultos, houve uma tendência a se igualar a forma de aprendizagem dos estudantes de EJA com os considerados regulares, que não se encontram em defasagem idade/ série, da mesma maneira que eram adotadas as concepções compensatórias “doutrina do ensino supletivo”, cujo pensamento era de que se deveria ensinar tudo que o indivíduo não teve no tempo devido, oferecendo conteúdos “maçantes” e de forma aligeirada, tornando o aprendizado fragmentado e desinteressante para quem, muitas vezes, já havia passado pela escola e dela fora excluído. Esta forma de visão atrapalhava o processo de aprendizado desses indivíduos, acreditando eu, que era um dos causadores do grande número de evasão. Além disso, o público da EJA era visto como marginalizado, como indivíduos “anormais”, desviantes da norma, e não adaptados.

Percebo que nós, como futuros docentes, devemos usar metodologias de trabalho que estejam para além da necessidade de aprendizagem formal, ao longo da vida, como um fator de desenvolvimento pessoal e de cidadania, mas também com o objetivo conscientizar, de esclarecer que esses indivíduos fazem parte da construção da sociedade, que também são “peças-chave” para uma transformação social.

Portanto, vimos a importância de nós, como educadores, não perdemos de foco a história política envolvendo a Educação de Jovens e Adultos, onde se prioriza a luta da educação como um bem social e direito de todos. Bem como, devemos entender quem são esses sujeitos, conhecer suas histórias, suas potencialidade e suas dificuldades; pensar quais estratégias curriculares poderiam ser adotadas para suprir essas dificuldades, enfim, refletirmos juntos sobre essa possível redefinição do campo da EJA, visando a superação do quadro de exclusão e desigualdade social com a qual convivem inúmeros jovens e adultos em nossa sociedade.

O InvestUERJ nos dá a oportunidade de entrar no ramo da educação (docência) com o “pé direito”. Somos colocados diante da experiência da prática educativa com um público que tem um perfil diferenciado. A modalidade EJA é bem diferente do ensino regular, apresentando especificidades quanto à faixa etária dos alunos, seus interesses, suas expectativas etc.

Porque tem escola pequena que não vai ver isso, vai chegar e mandar dar aula, aí cada vez você vai ficando mais alienado, cada vez mais desestimulando. Primeiro pelos alunos, pelas crianças e pelos adolescentes eles não estão ali por que querem estudar, estão ali porque a mãe mandou, porque são obrigados (Bolsista Glauciane).

Na EJA, em geral, quando um aluno vai à aula, ele vai para estudar, prestar atenção na aula, caso contrário ele não vai. É claro que há exceções, mas no caso do InvestUERJ, é uma opção dos alunos do Projeto. Nas escolas regulares as realidades mudam, geralmente, muitos dos alunos vão obrigados pelos pais, o que torna a aula desgastante e muitos deles refletem suas atitudes indisciplinadas devido a este controle. Qualquer pessoa que tenha trabalhado nas escolas regulares sabe o quanto de tempo se perde para despertar o interesse da turma para os conteúdos a serem trabalhados. Para um “quase” graduando que quer conhecer como é licenciar, ter uma experiência na docência, o InvestUERJ é um incentivo, pois “dá gosto de lecionar”.

No entanto, é preciso deixar claro que o Projeto não está isento de dificuldades e enfrentando desafios a serem superados; apresentando temas a serem aprofundados; estudos a serem feitos a fim de melhorar a postura em sala de aula com o grupo de alunos, mas o público da EJA é diferenciado e considero que dá mais abertura para mudanças, para tentar possibilidades de aulas diferenciadas, tendo em vista o interesse maior por parte dos alunos envolvidos no Projeto.

Ao conversar com qualquer professor⁸ percebe-se que a maior dificuldade encontrada e a maior frustração deve-se ao fato de não conseguir dar o programa planejado para as aulas. Aqui no InvestUERJ esta realidade não está isenta desses desafios, dando para perceber na fala que se segue:

Uma coisa que me frustrava muito era o fato de eu não conseguir dar toda a matéria suficiente que eu queria dar, quer dizer, eu fazia um plano e depois tinha que abrir mão de todos os planos de aula (Bolsista Gianna).

Se a indisciplina que é colocada como um entrave nas salas de ensino regular, dificultando o bom aproveitamento das aulas, não parece se colocar como problema na EJA, pelo menos em Projetos que tem as mesmas características do InvestUERJ, por serem destinados a alunos trabalhadores, o que é um diferencial importante a se destacar. Outros fatores são trazidos ao diálogo para que se compreenda melhor a frustração da professora por não conseguir trabalhar todo o planejamento. O fato de não abordar tudo que foi planejado

⁸ Refiro-me a qualquer professor, através de conversas informais, em estágios, na faculdade etc.

geralmente se dá devido à dificuldade no aprendizado, ao cansaço por vir estudar após uma longa jornada de trabalho, a alguns problemas no desempenho cognitivo; bem como pelo fato de, muitas vezes, os conteúdos curriculares não atenderem às reais demandas por parte dos alunos da EJA, dentre outros fatores. Às vezes você prepara uma aula com jogos, mas não é possível fazer com a turma. E isso acontece? Acontece. Como você vai dar uma aula com jogos, mas se na data planejada só há um aluno em classe? Então, são coisas que acontecem no cotidiano, cabendo ao professor adaptar a proposta de trabalho sem prejuízo para o aluno presente, tornando a aula o mais interessante possível para que este aluno não desanime.

Em relação ao trabalho lúdico, trago uma experiência minha no InvestUERJ, em que planejei uma aula caprichada, com o objetivo de conseguir atingir, despertar determinado aluno e só compareceram dois alunos no dia. Isto atrapalhava demais e em algumas horas nos desmotivava também. E, como na turma C eram apenas cinco alunos, quando um ou dois faltavam, já faziam uma grande diferença na aula. Porque aquele aluno que faltou, ainda mais se for um aluno que tenha dificuldade de aprendizado, provavelmente você terá que voltar o conteúdo, deixando, por vezes, de evoluir com a matéria. Porque quando a turma está completa, dá para propor atividades em grupo, nas quais o aluno que tem mais facilidade e entendimento do conteúdo ajuda aquele que tem mais dificuldade. Assim, a aula rende, aprofunda-se o conteúdo, enfim, motiva-se muito mais, tanto o professor de conseguir atingir aquele aluno com sucesso, quanto os próprios alunos, pois a aula se torna interativa e contagiante.

No entanto, considerando-se que os sujeitos da EJA apresentam especificidades e diferenças que os singularizam diante dos demais alunos que frequentam as turmas regulares, acredito que o currículo precise ser flexibilizado no sentido de atendê-los em suas singularidade.

Se por um lado o número reduzido de alunos em sala de aula é visto como um problema para alguns professores, para outros, é um fator positivo, pois propicia um trabalho mais individualizado:

E por serem poucas pessoas dentro de sala, você consegue ajudar cada um individualmente. Eu acho muito legal isso, o contato individual com cada aluno. Você vê a dificuldade de cada um e não em geral. Tipo: Ah você está ruim nisso aqui, numa sala de quarenta alunos isso não dá. Ali é muito bom por causa disso, o número é pequeno e você consegue pegar um por um, para tentar ajudar (Bolsista Rosana).

Assim, como a professora chama a atenção, o número restrito de alunos pode ser um meio de agilizar o conteúdo a ser trabalhado. Por exemplo: lembrei-me de que no período 2008.1, houve uma paralisação na UERJ. Dos cinco alunos da turma C, somente o seu Jorge

Saldanha compareceu à aula. E foi muito bom! Fizemos da aula uma espécie de aula particular onde pude focalizar todas as dificuldades que ele tinha. Colocamos em dia alguns trabalhos que ele faltava entregar, enfim, foi muito proveitoso!

Inquestionavelmente sabemos que em salas superlotadas, com 40 ou mais alunos, atrapalham muito o rendimento. Saviani (2007) nos diz que: *...cada professor teria que trabalhar com pequenos grupos de alunos, sem o que a relação interpessoal, essência da atividade educativa, ficaria dificultada* (2007, p. 9). Segundo ele, somente dessa maneira o professor poderá fazer o mapeamento do grupo de alunos, focar as dificuldades individuais, levantar dúvidas e saber de uma forma mais clara sobre como vai o andamento do aluno em relação à compreensão dos conteúdos trabalhados.

As experiências em docência que antecedem o InvestUERJ

Todos os bolsistas entrevistados já tinham algum tipo de experiência docente, anterior ao ingresso no InvestUERJ, eu era a única exceção. Alguns disseram ter trabalhado em pré-vestibular comunitário, alguns davam aulas particulares para pessoas próximas (Gianna e Rosângela) e outros (Glauciane e Cristiano) já trabalharam em escolas regulares:

Já tinha trabalhado com o público fundamental, do sexto ao nono ano, e já tinha trabalhado com alunos de pré-vestibular comunitário e era muito diferente daqui, até mesmo pela faixa etária, aqui tem um pessoal mais velho, lá era um pessoal mais jovem que tinham acabado de sair da escola (Bolsista Glauciane).

Explicava minhas primas dentro de casa, dava aula particular. Em sala de aula assim eu nunca tive, foi no InvestUERJ mesmo que eu consegui ter uma noção de sala de aula, de diário de classe (Bolsista Rosana).

É um trabalho voluntário de um pré-vestibular comunitário em Triagem, que foi uma experiência que, assim que comecei aqui, eu tinha começado lá em menos de seis meses, então era o balanço que eu tinha por que lá o público é de adolescente, desinteressados, pessoas que não tão nem aí, não te valorizam. E você voluntária... Alguns te valorizam porque você é voluntária, e outros não te valorizam ser voluntário, entendeu? Não tava saindo do bolso dele (Bolsista Gianna).

Como podemos ver, as três professoras já haviam, antes do InvestUERJ, tido experiência com pré-vestibular, que segundo elas, o ritmo das aulas é mais corrido e quanto ao

comportamento dos alunos, alguns são interessados, mas outros não. A faixa etária do público do InvestUERJ é de alunos adultos, o que diferencia no modo de dar a aula. No pré-vestibular as matérias devem ser objetivas, fazendo com que o aluno aprenda rápido. No Invest você pode aprofundar mais nas matérias, fazer trabalhos de pesquisa, campeonatos de poesias, enfim fazer um trabalho diferenciado, sem uma preocupação imediatista de trabalhar conteúdos que serão cobrados nas provas de vestibular.

Glauciane é considerada uma ótima bolsista, atuando com Geografia, ela entrou em 2008.1 no InvestUERJ. Rosana, de Matemática, já é a bolsista mais antiga. Por ter uma estatura baixa, os alunos a chamam carinhosamente de “formiguinha”. Rosana se destaca pelo seu jeito dinâmico de dar aula, explica o conteúdo de forma bastante clara, adequando-os ao dia-a-dia dos alunos. Conheço mais sua prática, pois, além das aulas de Redação, eu dava reforço de Matemática quando ela era a professora regente. Ou seja, ela trabalhava os conteúdos que eu explorava por meio de exercícios de reforço. Em alguns conteúdos que eu já havia esquecido, ela me ajudava muito, me fazia recordar para, então, poder trabalhar com a turma. Quanto à Glauciane, eu não tive a oportunidade de presenciar nenhuma aula sua, porém em sua prática tem demonstrado ser caprichosa, interessada e muito organizada, além de estar sempre preocupada em trabalhar temáticas atuais que despertem o interesse dos alunos.

Vigotsky nos diz que o *aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer* (1987, p.101). Sendo assim, acredito que planejamento de curso, junto aos conteúdos devem estar sempre voltados aos objetivos dos educandos. A pergunta no início do ano letivo deveria ser: qual/ quais o conteúdo/ s são importantes para o meu aluno? Quais estratégias utilizar para conseguir atingir meus alunos? A partir da decisão de quais conteúdos serão abordados durante o curso, é que poderemos nos organizar, trazer elementos para serem explorados nas atividades curriculares.

No entanto, estes conteúdos precisam estar relacionados à realidade do aluno, e principalmente fazer sentido para a vida do mesmo. Caso contrário, o aprendizado não passará de um mero conteúdo maquinado e decorado. O que não pode ficar de lado é a essência do aprendizado que é a *curiosidade*, uma das tarefas da prática educativo-progressista. *Não haveria criatividade sem curiosidade...* (FREIRE, 1996, p.32). A partir da indagação, da curiosidade crítica, o aluno se aprofunda no conteúdo e o usa com criatividade para mudar ou usar esse aprendizado para alguma coisa da sua vida (no trabalho, na sua comunidade, vida pessoal, entre outras) e, partindo destes construir novos conhecimentos.

Percebe-se na fala das duas professoras o quanto foi importante estagiar no InvestUERJ, porque é através dessa prática que vamos ter subsídios para desenvolver trabalhos futuros, vamos tendo uma idéia de como caminhar adiante. Ou seja, é através da prática, junto à reflexão de questões apontadas que podemos avançar, mudar no sentido de transformar o cotidiano escolar de uma forma prazerosa para ambas as partes, tanto para o professor, quanto para os alunos.

Segundo Maria Lúcia Fortuna:

... o cotidiano da escola oferece condição para que o sujeito em formação realize um exercício pessoal de revisão e de exploração dos saberes adquiridos no próprio percurso de sua formação, mas pensados a partir do desafio das questões postas pelo real concreto da situação escolar, remetendo pensar-se no interior da mesma situação (2006, p.4).

Observo em alunos de licenciatura que se formam sem ter atuado no “real concreto” da escola, que quando vão atuar, sentem-se despreparados. Infelizmente, muitas das instituições exigem a experiência como pré-requisito para se contratar um professor preparado. Porém, acredito que nunca estamos plenamente preparados para certas realidades que envolvem o cotidiano escolar, mesmo com muito tempo de experiência na área, pois cada realidade mostra-se diferenciada, re-configura-se a cada dia. O tempo-espço escolar envolve dinamicidade, portanto, cada turma, cada nova experiência será um novo desafio. Pois uma prática pedagógica apreendida e colocada em prática em um determinado grupo ou momento, não será decalcada e colada em outro espaço-tempo.

Portanto, a experiência obtida no projeto InvestUERJ foi de muita importância em minha construção como professora-pesquisadora. Porém ela não me insenta da necessidade de cada vez buscar mais através de outras experiências, com outras turmas, outras instituições de ensino, outras formas de aprendizados que muito se modificarão cotidianamente. Assim, a experiência trazida do Projeto não significa que é preciso manter uma metodologia estática no sentido de me tornar uma boa profissional.



Os bolsistas do InvestUERJ. Começando da esquerda: a “formiguinha”, Gianna, Alair, eu, Geudo e Glauciane.

O trabalho no Invest

Todos os bolsistas afirmam estarem satisfeitos em trabalhar no InvestUERJ, consideram como uma experiência proveitosa, pois os alunos são receptivos e interessados o que nos estimula muito como bolsistas. Além deste fator, a grande colaboração por parte das coordenadoras (Licia Guedes e Maria Christina Moares) é algo importante a destacar. São sempre solícitas a respeito de qualquer coisa que os bolsistas precisem, facilitando e enriquecendo o trabalho pedagógico de todos. Alguns dizem até correr o risco de ficarem mal acostumados *de tão bom que é o InvestUERJ* (relato das bolsistas Rosana e Glauciane).

Sobretudo, é interessante que aqui tem um diferencial, que aqui tem todo um suporte técnico por traz onde a gente faz as reuniões pedagógicas todas às terças - feiras, e que te auxilia muito no como lidar com o aluno e também do ponto de vista técnico (Bolsista Alair).

Foram dois anos que eu fiquei aqui. Eu acho muito boas as reuniões, é muito interessante. As coordenadoras são como uma professora, até porque elas já lidam com a educação há

muito tempo. Então é muito bom em relação aos ensinamentos, as atividades, você pode melhorar, enfim é um acompanhamento muito legal. Você é jogado em um colégio público você não tem esse acompanhamento, você entra na sala e se vira. Então é muito legal o que elas fazem, a coordenadora é boa, a pedagoga esta sempre de olho, perguntando como esta o andamento da matéria, é muito bom mesmo! Estou saindo agora do InvestUERJ, pois já completou o tempo máximo da minha bolsa e eu quero continuar a dar aula (Bolsista Rosana).

A reunião pedagógica acontece, sistematicamente, todas as terças-feiras às 13 horas. Nela discutimos/ refletimos sobre assuntos pertinentes, tanto direcionados à EJA como a outros temas/ assuntos ligados à educação, de forma mais ampla. As coordenadoras Licia Guedes e Maria Christina preparam as reuniões onde há uma integração entre os bolsistas a fim de informar assuntos referentes ao calendário, assuntos que dão abertura a debates/ reflexões que versem sobre temas relativos à educação, sobretudo, à educação de jovens e adultos; atender aos bolsistas e alunos que fazem “prática zero” e também participam da reunião⁹ no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, fazendo estudo de caso, por exemplo; promover o estudo de teorias que respaldem o trabalho pedagógico; compartilhar experiências pedagógicas entre os membros da equipe; enfim, a reunião pedagógica tem o objetivo de respaldar a orientação acadêmica a fim de atingir o crescimento pessoal e profissional de todos os envolvidos no InvestUERJ, o que o torna um projeto de qualidade.

Neste sentido, se os bolsistas que atuam no projeto forem bem preparados /formados, conseqüentemente, poderão proporcionar um ensino de qualidade para os alunos que ali estão. E, pudemos constatar este fato na entrevista com os alunos, por demonstrarem estar satisfeitos, felizes, com vontade de continuar e principalmente preocupados com o encerramento do projeto, isso porque todos que viveram coisas boas no InvestUERJ acham importante continuar para proporcionar tudo isto a outras pessoas.

Estou muito satisfeito com o InvestUERJ. Não tenho nenhuma reclamação sobre o Invest. Pena que vai acabar podia continuar para outras pessoas, para comunidade (Aluno Carlos Teixeira, “Carlinho”, turma C).

É essa integração, é essa *rede*, esse compromisso com a educação por parte das coordenadoras, em preparar os bolsistas e os alunos (de prática zero), que se espalha, contagia todos os envolvidos e que torna o trabalho de qualidade. Porque é nesse momento (na reunião

⁹ Alunos de “prática zero” são aqueles alunos que assistem à reunião a fim de cumprirem Estágio Supervisionado. A nomenclatura muda a partir da graduação. Na Graduação de Pedagogia são exigidos quatro Estágios supervisionados: I, II, III, IV.

pedagógica), que nos comunicamos, trocamos experiências, aprendemos com pessoas experientes e iniciantes, a fim de refletir sobre nossas dificuldades, acertos e questionamentos. Podemos perceber também como a forma de saber se entrelaça. Essa rede, a qual me referi anteriormente, era em torno da questão da troca dos saberes. Engraçado é que os alunos (servidores) estão no InvestUERJ para concluírem o Ensino Médio, ou seja, vêm em busca do saber. Os bolsistas e os alunos vêm também em busca do saber e também proporcionam o saber. Percebemos aí que ambos são peças-chave para o caminho da aprendizagem e a essência da educação. É como diz o mestre Paulo Freire: *Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender* (1996, p. 23). É isso que torna o projeto InvestUERJ um projeto de grande sucesso e, é o que me motiva a escrever mais sobre ele, um projeto que tem por maior intenção proporcionar uma educação de qualidade, e, principalmente, voltada para transformação social.

A metodologia de trabalho

Há um consenso entre os bolsistas de que os conteúdos trabalhados no projeto estão voltados à vivência e à realidade dos alunos. E que há uma preocupação de que, além de compreenderem os conteúdos, os alunos saibam pensar sobre os mesmos a fim de conhecer, de intervir (forma de se comunicar) neste mundo, tornando-os indivíduos críticos e questionadores:

Tento explicar de uma outra forma, inventar algumas coisas, às vezes tem trabalho em grupo, às vezes eu peço para um ajudar o outro. Dou muito exemplo de coisas do cotidiano, porque se só ficar pedindo para eles copiarem a matéria, é ruim também. Tem trabalho de campo também, passeio, às vezes eu misturo a matemática com as outras áreas, você tem que fazer alguma coisa que puxem eles. Juros quando eu dei, foi muito bom porque eles pegam empréstimos, eles se interessam e querem saber. Então, a gente busca na matéria as coisas que englobam o dia-a-dia deles. Não adianta dar uma matéria que ele não vê, que ele não vai lidar. Soma, subtração, percentual, eles gostam bastante (Bolsista Rosana).

É justamente uma química voltada mais para a realidade do próprio aluno. Eu analiso a postura do aluno e vejo como a química pode ser interessante para ele e aí eu começo a aplicar a matéria (Bolsista Cristiano).

Podemos perceber então que se o conteúdo for interessante, faz com o que o aluno busque mais sobre ele, se interesse mais pela matéria. *Com relação a aprender, é um processo*

que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador (FREIRE, 1996, p. 24). Caso contrário, o aluno limita-se a absorver esse conteúdo de forma mecânica, tornando-o mero saber escolarizado, sem contribuição para seu contexto de vida. Neste sentido, um conteúdo que não se relacione à vida para que servirá ao jovem e adulto? Qual o estímulo o aluno terá para aprender se não perceber um sentido no que estuda? Muitas vezes a educação acaba por tomar domínios restritos, determinados socialmente, quando deveriam atender às necessidades do contexto, do cotidiano do aluno, enfim, da cultura do educando. Pois a educação: ... *estaria, por esta razão, capacitada a intervir eficazmente na sociedade, transformando-a, ..., corrigindo as injustiças; em suma, promovendo a equalização social* (SAVIANI, 2007, p. 15). O processo ensino-aprendizagem deve ser visto como ato de conhecimento e transformação social, em que os professores tenham a preocupação de formar sujeitos com conhecimento e consciência cidadã.

Durante toda história até a nossa atualidade, existiram e existem diversas questões e tensões envolvendo a área educacional, porém, pelo caráter de nossa pesquisa, gostaria de mencionar uma tensão bem atual e que vem nos chamando a atenção. Ela aparece quando falamos nas metodologias de ensino adotadas nas escolas. De um lado a defesa de uma educação voltada para o mundo profissional, onde se enfatiza a aprendizagem focada apenas em conteúdos estritamente didáticos e técnicos, carentes de uma abordagem interdisciplinar envolvendo também a vida prática do cidadão. Do outro lado, os profissionais que defendem uma abordagem ideológica em defesa de uma educação não reprodutora¹⁰. Nesse contexto, os conteúdos ultrapassam as abordagens técnicas e didáticas, explorando a interdisciplinaridade, conceitos éticos, fazendo relações entre conteúdos e conceitos distintos entre si aguçando no educando sua capacidade investigativa e elaborativa na busca por soluções de problemas. Ou seja, fazendo com que a aprendizagem dos conteúdos sirva, principalmente, como instrumento que dinamizará a capacidade do aluno em seu meio. Desse modo, o indivíduo deixa de ser um “fantoche da sociedade” para ter uma vivência cidadã autônoma.

Os desafios da prática

¹⁰ Nesse sentido, a educação reprodutora gera, de forma mascarada, a dominação e a exploração, tornando a educação excludente. Acaba por retomar também um dos conflitos já citados no qual a “ideologia” de uma corrente, nesse caso a conservadora, está inserida em sua metodologia e pode se tornar o principal.

Em relação às respostas dadas pelos bolsistas para a questão dos desafios da prática encontradas no InvestUERJ, com exceção do bolsista Alair, os outros comentaram a questão da defasagem escolar, em que muitos alunos apresentam muitas dificuldades para aprender.

Desafio para mim que é EJA, é a dificuldade que eles têm (Bolsista Rosana).

Os desafios são a defasagem escolar, encontrados a partir de um histórico, de um ensino que foi um pouco capenga entre os nossos alunos; o medo natural que todo mundo tem da química e a precariedade de alguns materiais (Bolsista Cristiano).

Para mim, ficou clara a fundamentação desses depoimentos com relação a dificuldade por parte de alguns alunos. Na turma C, por exemplo, o aluno Jorge Saldanha ainda apresenta dificuldades na maneira de escrever. Algumas palavras que ele já conhece e faz uso constante, ele ainda escreve com grande exaustão, e além da questão ortográfica, há o comprometimento no modo de compreender os conteúdos, que muitas vezes se dá de uma forma mais lenta, se comparado aos demais colegas de classe. O senhor Carlos da Teixeira também apresenta dificuldades de concentração e compreensão da matéria. Muitas vezes demonstra estar cansado, dorme em aula, e às vezes parece apresentar certa “preguiça” ao executar as atividades. Ficava chateada em relação à atitude do Carlinhos em algumas aulas. Fico me perguntando: seria mesmo preguiça? Seria desinteresse? Ou o cansaço pelo trabalho estaria causando tanta desmobilização por aprender?

Sob o ponto de vista da bolsista Gianna: *ele tem plenas condições para se equiparar com a turma, ele só não quer, ele só não tem interesse* (referindo-se ao aluno Carlos de Teixeira, na entrevista). O que pode demonstrar que o problema desse aluno não seja resultante de uma questão de caráter psicológico ou cognitivo, mas sim da falta de interesse. Ou, se complexificarmos mais a discussão, sua falta de interesse não poderia estar sendo ocasionada pela falta de sintonia com a forma como os conteúdos estavam sendo trabalhados, com a metodologia etc?

Ao procurar respostas para essas indagações, encontrei em Palacios, uma possível resposta, mesmo que provisória, ajudando-me a encaminhar a discussão:

As pessoas humanas mantêm um bom nível de competência cognitiva até uma idade avançada (desde logo acima dos 75 anos). Os psicólogos evolutivos estão, por outro lado, cada vez mais convencidos de que o que determina o nível de competência cognitiva das pessoas mais velhas não é tanto a idade em si mesma, quanto uma série de fatores podem-se

destacar, como muito importantes, o nível de saúde, o nível educativo e cultural, a experiência profissional e o tônus vital da pessoa (sua motivação, seu bem estar psicológico...). É esse conjunto de fatores e não a idade cronológica per se, o que determina boa parte das probabilidades de êxito que as pessoas apresentam, ao enfrentar as diversas demandas de natureza cognitiva (PALACIOS apud KOHL, 1999, p.12).

No caso do aluno Jorge Saldanha, acredito que suas dificuldades de aprendizado estejam atreladas a diversos fatores: à idade, às condições de saúde (toma medicações que podem prejudicar a sua memória), ao pudor de dizer que não entendeu a matéria e à defasagem escolar, que no seu caso é bastante complicada. Mas independente de todas essas dificuldades, ele mostra-se com muito interesse em relação às aulas, às matérias, é um aluno presente e tem interesse em estar sempre aprendendo. Muitas vezes ele quer ficar após o término da aula para praticar mais um pouco o conteúdo dado.

Em relação ao aluno Carlos Teixeira, embora saiba que muitas das vezes o que falta para o aluno é o entusiasmo, o interesse de aprofundar o conteúdo ou estar na aula para aprender mais, acredito que não seja somente uma questão de preguiça. Como Palacios descreve *quanto uma série de fatores podem-se destacar* (o que determina o nível de competência cognitiva): *sua motivação, seu bem estar psicológico...* No caso do Carlinhos, acredito que o trabalho dele influencie muito na questão do aprendizado. O setor no qual ele trabalha é o de correspondência. Ele é um funcionário muito antigo da casa, por isso muitas responsabilidades são atribuídas a ele. Acredito também que, em qualquer local de trabalho, algumas pessoas (com o mesmo cargo) trabalham mais que as outras, e acho que esse seria o caso do Carlinhos. Outro fato de justificar o cansaço, seria também por morar longe. Através da entrevista, descobri que ele mora em Santa Cruz e, segundo ele, impossibilita revisar a matéria em casa.

Pena que às vezes eu não pude ir, por causa daqui do trabalho. Como lá no meu setor é muito trabalho, eu tenho que ficar responsável por todas as cartas, as pessoas tomam conta. E às vezes pergunta: “Cadê o rapaz daqui? É uma carta que está faltando, não foi registrada, que não sei o que, ... Então eu tenho que estar ali presente (Aluno Carlos da Teixeira, turma C).

Gostaria de destacar também em relação aos desafios, a rivalidade entre os alunos encontrados na turma D. É curioso porque esta atitude é típica em alunos de Educação Infantil e Ensino Fundamental, principalmente em grupos de adolescentes e/ou jovens. Mas vem confirmar uma fala presente no senso comum: *“aluno é sempre aluno, independentemente da*

faixa etária ou da série freqüentada por ele". Na maioria dos comportamentos típicos como: colar, "enrolar" o professor, conversar em sala de aula, dentre outras atitudes, os adultos do Invest, muitas vezes, também, podem ser equiparados aos demais.

Outro assunto muito abordado pelos (as) bolsistas foi a heterogeneidade das turmas. Percebe-se que alguns alunos apresentam uma dificuldade maior que os outros, ou seja, existe um desnível considerado entre os alunos seja ele provocado pela vivência prática de cada um ou mesmo pelos saberes escolares que cada aluno já possui. Diante dessa real diferença, aparecem em sala de aula algumas barreiras na hora de despertar o interesse e cativar o aluno para determinado conteúdo, já que o aluno que já domina tal assunto se sente desmotivado e mesmo "superior" aos demais. Tal prática acaba por desestimular os demais alunos e alunas. Pode-se relacionar, de certa maneira, essa heterogeneidade ao problema da evasão escolar, pois a turma C é bem pequena, sendo composta por apenas cinco alunos e desses, muitos acabam faltando. Nesse caso, acredito que o papel do bolsista também está em criar alternativas para escapar das consequências danosas que essa heterogeneidade pode causar, tendo em vista que a heterogeneidade em si pode constituir-se num fator importantíssimo para a prática pedagógica, favorecendo a construção de conhecimento em interação, onde os que sabem mais podem ir ajudando os que ainda não sabem, comprometendo todo o grupo com o processo ensino-aprendizagem. Essa colaboração pode se estabelecer através de conversas que apontem os benefícios mútuos que estas trocas podem trazer para a vida do grupo, propiciando a valorização de práticas mais solidárias.

Características dos alunos do InvestUERJ

Muitas narrativas já dizem por si só, acredito que, em alguns momentos, não há muito o que acrescentar ou discutir a partir das mesmas, tendo em vista o que dizem os bolsistas acerca dos alunos e de suas características individuais, já foi dito e discutido em outros momentos, assim, trago, inicialmente a fala do bolsista Cristiano:

Eu tenho duas turmas, turmas C e D. A turma D tem um número maior de pessoas, e ela se distingue por ser muito agitada, até por ter um número maior de pessoas. No caso você até observa que os alunos vêm de uma origem muito humilde, de uma realidade muito dura, e isso pode ter causado alguns problemas cognitivos nesta turma. Na turma C observa-se que é um número muito menor de alunos e isso facilita muito o trabalho são cinco alunos então me dá mais tranquilidade no trabalhar, eu posso fazer algo mais minucioso com cada um

deles. Em comparação com a outra turma é muito mais tranquilo, porém tem uma certa característica em comum que é a origem humilde, também vem de certas dificuldades e também dá um certo trabalho na realidade cognitiva deles. Eles têm muita dificuldade em aprender, eles têm muita dificuldade em fixar tem que voltar sempre. Com o Jorge Saldanha é meio difícil porque ele também tem vergonha de dizer que não entendeu. Eu faço com que os outros alunos tentem ajudá-lo, eles tentam se ajudar, entre eles as coisas ficam mais fáceis, comigo acho que ele fica mais retraído, quando eu volto no assunto ele diz que entendeu mais é aquele entendeu “meio assim” duvidoso. O Carlinhos ele não tem muita dificuldade e fazia os exercícios. A Ana é boa aluna o problema é ela freqüentar a aula, ela até participa bastante, mas quase não vem. A Rosana entendia a matéria, mas também é outra que não vem (Bolsista Cristiano).

Por não ser professora da turma D, pouco posso falar sobre os alunos. O contato que tive com eles foi devido ao primeiro semestre do estágio no qual atuei junto à coordenação. Além disso, mantínhamos contato na hora do café ou através de conversas informais fora do horário da aula ou em algumas atividades extracurriculares (passeios, festas, palestras etc.), em que as duas turmas estavam juntas.

De maneira geral, a turma D me parecia uma turma muito divertida, até porque o número de alunos era maior. Além do mais, os alunos eram mais antigos no InvestUERJ, por isso tinham um grau de amizade maior, o que se evidencia pela fala de uma das alunas da turma. Quase uma vez por mês o pessoal se reunia para fazer uma festinha no intervalo para comemorar aniversário de alguém, ou mesmo para ser um momento de lazer. A turma era muito parecida com uma turma de escola regular, pois havia um clima de competição, brincadeiras e as famosas “panelinhas”, típicas de alunos do Ensino Fundamental e Médio. Foi e sempre será uma turma marcante na história do Invest.

A turma C, era uma turma menor. A maior parte dos alunos da sala eram alunos novos no InvestUERJ, somente o Carlinho e o senhor Jorge Saldanha eram alunos antigos. Além disso, nem todos os alunos freqüentavam assiduamente (fato já relatado). Apresentava-se como uma turma onde há uma integração entre os alunos dentro da sala de aula, mas fora dela, não há muito contato entre os mesmos.

Como atuei junto na turma C, trabalhando com Redação e reforço em Matemática, apontarei alguns aspectos desses alunos, segundo meu ponto de vista, mesmo sabendo que este é sempre relativo e correndo o risco de estar estigmatizando e/ ou rotulando os alunos, mas como a proposta foi de esmiuçar a realidade dos alunos para aprender com ela e possibilitar

pensar práticas pedagógicas a partir de suas necessidades e especificidades, eu, como bolsista-professora, também me coloco como sujeito da pesquisa e trago algumas possíveis leituras acerca da turma:

Considero a aluna Ana Ribeiro bastante esforçada, carinhosa, parece entender bem a matéria, porém é muito faltosa devido ao seu trabalho (como já havia falado, ela faz plantão no Hospital Pedro Ernesto onde é auxiliar de enfermagem); Antônio Carlos mostra-se como um ótimo aluno, organizado e atencioso. Costuma não faltar às aulas, entende bem a matéria, ajuda os outros colegas que não está entendendo e tem notas boas; o Carlinho é um aluno presente e brincalhão. Soube através de informações que ele já recebeu da faculdade uma medalha de honra ao mérito. Isto porque, segundo colegas da Universidade, ele era um funcionário que tratava tanto o pessoal de serviço geral, como o pessoal da reitoria da mesma forma. Além de ser um ótimo funcionário e ser muito antigo na casa. Porém, apresenta dificuldades em algumas matérias, às vezes demonstra-se interessado, às vezes quer sair cedo, deixa o dever para outro dia e acaba não fazendo nada; O senhor Jorge Saldanha é um aluno sempre presente. Apresenta algumas dificuldades de aprendizado, porém está sempre disposto a aprender, a ficar depois da hora para tirar dúvidas sobre a matéria e pessoalmente parece ser uma ótima pessoa; Rosângela é uma aluna que se caracteriza como uma questionadora. Está sempre indagando sobre tudo. Ela é uma aluna faltosa, porém, quando vem à aula, participa bastante e acrescenta coisas novas também. Ela demonstra gostar de ler e faz um pré-vestibular perto da sua residência.

Enfim, todos os integrantes da turma C foram muito importantes em minha vida. Digo isso não só em relação ao estágio, no qual aprendi muitas coisas com eles, mas também pessoalmente, pois havia uma grande parceria e integração não só relacionando-se a questões pedagógicas, mas também em relação à vida.

Através de trabalhos com temas polêmicos, havia momentos em que um aluno relacionava aquele assunto à realidade dele, então levantava seus questionamentos como forma de desabafo. Em cima disso, nós conversávamos e nos aconselhávamos. Portanto havia uma relação de cumplicidade, para além da relação aluno-professor, havia a amizade.

Portanto sou muito grata à oportunidade de trabalhar com a turma C, por ter compartilhado formas de aprendizado de ambas as partes e pela inspiração para desenvolver esta pesquisa.

Ações para despertar o interesse dos alunos

Olha, eu procuro pesquisar antes, faço o planejamento de todas as aulas, pesquiso o material que eu vou ler, tudo que eu vou passar para eles. Passo a ler textos que tenham a ver com aquela aula e eu gosto sempre de antes de começar a aula, fazer um questionamento sobre aquele assunto. Que é o que vai fazer a ponto sobre aquilo que eles conhecem, e aquilo que eu tenho para apresentar. Aí eles começam a falar sobre isso e aquilo, e eu vou introduzindo o assunto de uma forma que eu acho que fica mais fácil para eles entenderem, diferente de chegar, passar matéria no quadro, copiar e vamos ler palavras novas. Eu gosto de começar a partir da vivência dele (Bolsista Glaucianne).

Com base a entrevista feita, todos os bolsistas afirmam usar conteúdos adaptados e voltados para o cotidiano desses alunos. Geralmente são usados assuntos relacionados ao dia-a-dia deles, como: trabalho envolvendo notícias de jornal, problemas envolvendo juros, porcentagens, jogos lúdicos didáticos, passeios, enfim, tudo que interesse e facilite o entendimento destes alunos.

Podemos perceber na fala da Bolsista Glaucianne como o aprendizado fica facilitado quando usamos assuntos da realidade do aluno. Propor atividades com jornal é uma boa tática, porque além de ser uma maneira de oportunizar diferenciadas leituras de um mesmo assunto, formando um aluno mais crítico, é também uma maneira de trabalhar o conteúdo de forma mais interessante e proveitosa. Freinet (1976) notou a necessidade de inovação da prática pedagógica a partir da imprensa, afirmava que o jornal é um utensílio, uma técnica que faz com que os alunos desenvolvam um senso crítico, construindo e cultivando conhecimentos e interesses necessários ao desenvolvimento de seu pensamento e de sua cultura. Além disso, ainda pode-se trabalhar de forma interdisciplinar. Outro fator é que, em geral, este é um meio de leitura popular que faz parte do cotidiano dos alunos. Muitos deles não têm costume de ler livros, às vezes por causa do alto custo ou mesmo por falta de hábito.

Podemos observar a diferença entre uma aula em que você aborda um assunto, insere as atividades no quadro e ponto, comparada a uma aula em que os conteúdos partem de temas atuais, envolvendo o cotidiano e vivência pratica deles. No primeiro caso, eles limitam-se a “fazer dever”. Agora quando você traz para sala um assunto de interesse comum, há participação, eles expressam suas opiniões e colocam seus pontos de vista.

Venho agora exemplificar uma atividade bem sucedida realizada pelo InvestUERJ. Na semana do meio ambiente, a coordenação propôs um trabalho com os alunos. No horário das aulas, seria feita uma palestra sobre o meio ambiente e os alunos deveriam apresentar trabalhos sobre o mesmo. Na minha turma (turma C) foi proposto que

eles falassem sobre maneiras que nós, cidadãos, poderíamos contribuir para a prevenção do meio ambiente. Quando informei que iriam fazer a apresentação do trabalho, eles ficaram um pouco apreensivos. Para acabar com o clima tenso, perguntei para eles, se tomavam alguma medida para contribuir com meio ambiente dentro de casa ou na comunidade. Eles apontavam medidas como: economizar energia, fazer separação de lixo, dentre outras. Assim eu atuava como mediadora diante dos seus apontamentos. No final, mostrei-lhes como estavam bem informados sobre o assunto e desse modo o resultado do trabalho só poderia ser um sucesso. Segundo Weiz: *a valorização dos saberes construídos fora das situações escolares é condição para que os alunos tomem consciência do que e de quanto sabem* (1999, p.68). Acredito que o incentivo dado aos alunos, garante para eles mais segurança acerca dos seus próprios saberes e de como são capazes de realizarem bons trabalhos.

Percebemos que um dos grandes problemas encontrados com esses grupos de alunos, é a questão da baixa auto-estima. Muitas vezes, eles até sabem a resposta de determinada questão, mas não respondem por medo ou vergonha de errar. Após a prática didática do incentivo, eles se animaram mais sobre a proposta da atividade, já que se propuseram a pesquisar mais sobre o assunto e trazer para as próximas aulas.

Na aula seguinte, distribuí alguns textos que eu tinha pesquisado e trazido para aula (textos falando o tema em questão). Trocamos entre nós os diversos textos que tínhamos tanto os que eu tinha trazido quanto os deles (pesquisados em casa). Após leituras feitas, comentamos e depois fui colocando no quadro as opiniões deles e os questionamentos. Foi ótimo! Até o senhor Jorge Saldanha, que não é muito de falar, colocou para a turma muitos hábitos importantes e como poderíamos contribuir com o meio ambiente. Por serem colocadas pelos alunos muitas propostas (medidas que podemos tomar para prevenir o meio ambiente), propus uma votação para escolher as medidas mais importantes para serem colocadas em um cartaz a ser elaborado na semana seguinte.

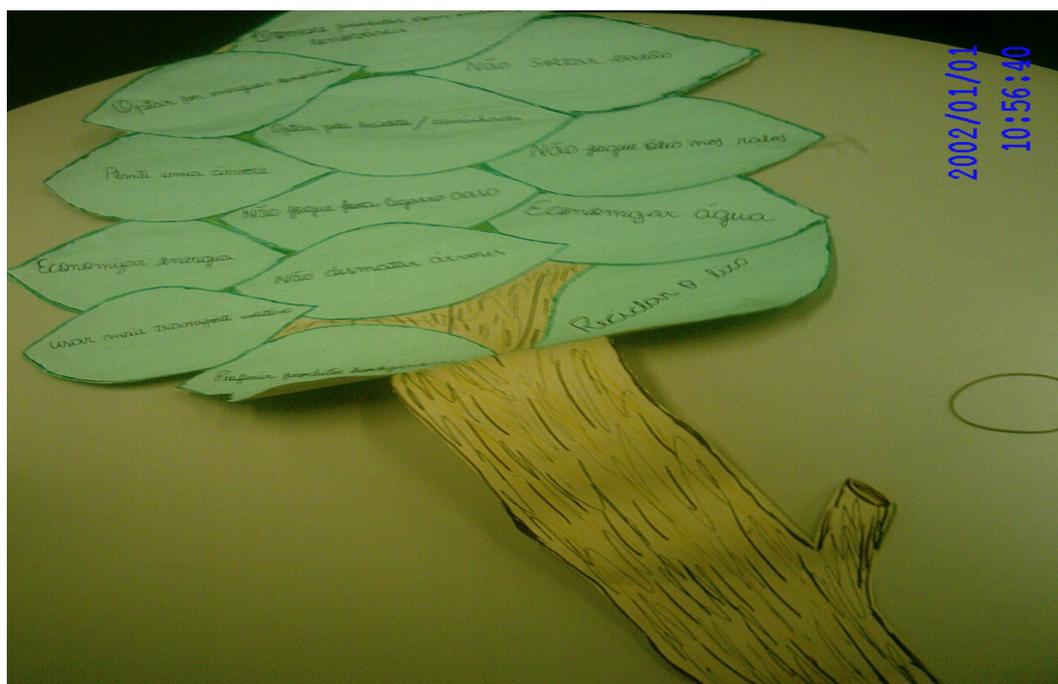


Foto do cartaz produzido pelos alunos da turma C.

A sugestão de fazer o cartaz com o formato de árvore foi idéia da orientadora Licia Guedes. Em cada folha tem a sugestão de uma maneira de prevenir o meio ambiente.

Enfim, o trabalho foi um sucesso! Os alunos o apresentaram muito bem, aprenderam coisas novas, interagiram e expressaram seus pontos de vista. O trabalho proposto para turma D foi dos alunos criarem poesias falando sobre o meio ambiente. Somente dois alunos fizeram e leram a poesia para o público presente.

Portanto percebemos o quanto é enriquecedor atrelar o conteúdo com o cotidiano e com a realidade dos alunos, pois: *cabe à escola garantir a aproximação máxima entre o uso social do conhecimento e a forma de tratá-lo didaticamente* (WEISZ, 1999, p.75), pois só dessa maneira, principalmente em se tratando de EJA, o professor facilita o processo ensino-aprendizagem deixando-o mais interessante.

Olha, eu procuro pesquisar antes, faço o planejamento de todas as aulas, pesquiso o material que eu vou ler, tudo que eu vou passar para eles (Bolsista Glaucianne).

Para proporcionar uma aprendizagem que englobe os conhecimentos cotidianos sociais, acredito que o professor deva estar disposto a aprender e a pesquisar também. No sentido de se aprimorar, estar atualizado aos fatos sociais e políticos que envolvem a contemporaneidade. Portanto, é preciso, sim, pesquisar, refletir sobre qual a importância do assunto que se pretende trazer, qual o objetivo e quais os possíveis benefícios para os alunos em abordar um determinado tema.

Não tenho dúvida de que a pesquisa é essencial à prática docente e, como nos diz Paulo freire, *ela é inerente à prática docente. Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino* (1996, p.29). A pesquisa faz parte do processo ensino-aprendizagem, pois como já havíamos discutido, não há criatividade sem a curiosidade. É a partir da indagação, da busca do que não se sabe, é que há o nascimento da pesquisa. E através dos resultados da busca que se cria e transforma em algo novo, algo criativo, algo necessário. Essa necessidade não está restrita ao professor, que deve buscar coisas novas para a sala de aula, mas também a respeito do aluno, que ao ser “cutucado” pelo assunto ou conteúdos novos e interessantes, provavelmente terá o prazer de se aprofundar tornando a aprendizagem mais rica e prazeroso.

Com a transformação do todo social: são novas descobertas da ciência, novas tecnologias, novas formas de comunicação, dentre outras mudanças que regem a sociedade em geral, há transformações, também, nos cotidianos escolares, nas expectativas que os alunos têm em relação ao que a escola pode lhes oferecer. Assim, as propostas pedagógicas precisam ser atualizadas e as ações precisam estar comprometidas com estas transformações.

Atitudes tomadas para “manter os alunos acordados”

Tentar não ser muito monótono, não ser aquela coisa decoreba, tentar fazer o mais natural possível, tentar fazer a matéria o mais dentro da realidade deles (Bolsista Cristiano).

... Seu Jorge tem bastante idade, e ele chega e fica dormindo. Aí você tem que ficar: “Seu Jorge, se Jorge!”, toda hora para ela não dormir...A dona Ana ela trabalha no Hospital Pedro Ernesto, ela dá plantão, então o que acontece, quando ela chega ela está vindo do plantão, então por isso ela tem mania de dormir... Tem também o seu Carlinho da turma C, que também gosta de dormir, porque ele almoça e tem dias que ele dorme sentado também. Aí você vai acordá-lo e ele fala que não estava dormindo não, que estava ouvindo tudo (Bolsista Rosana).

Segundo opinião dos bolsistas, a turma C é a turma onde os alunos mais dormem. Mais especificamente a aluna Ana Ribeiro, o senhor Jorge Saldanha e o aluno Carlos da Teixeira. Aos poucos, no decorrer da prática em sala de aula, fui conhecendo esses alunos, suas histórias, suas dificuldades. Mas antes de saber sobre todos os reais motivos desses alunos, eu ficava muito chateada, pois acreditava que a falha era minha, ou seja, que minha aula estava

monótona. Por coincidência, no semestre 2008.1, fiz a matéria Artes e Ludicidade III, com a professora Tânia Nhary, na FFP. Foi muita sorte, pois era uma aula que enfatizava o uso de jogos lúdicos em sala de aula. Todo final de aula, ela, passava para nós uma atividade lúdica. Às vezes com um jogo intencional, onde se tem um objetivo prévio. Exemplo: Jogo didático, em que o aluno brinca, só que a intenção principal do jogo é de fixar algum conteúdo/ matéria ou jogo com a motricidade, no qual se trabalhará com o desenvolvimento do corpo. E às vezes fazia o jogo sem um objetivo pedagógico, seria o jogo com o intuito de brincar por brincar.

Na segunda aula, ela propôs uma atividade que me chamou a atenção. A atividade funcionava da seguinte maneira: todos os alunos ficavam de pé, fazendo uma roda, todos com as mãos dadas. Essa roda (sem soltar as mãos) era dividida em dois grupos: o do lado direito e o do lado esquerdo. No meio desses dois grupos, a professora se posicionava dando as mãos, o que separava um grupo do outro. E na outra extremidade da roda, havia um aluno voluntário (também com as mãos dadas), separando um grupo do outro. Os participantes deveriam permanecer com os olhos fechados durante o jogo, que começava quando a professora dava um aperto de mão nos participantes de cada grupo (esse aperto de mão era sincronizado tanto para grupo à direita, quanto para o grupo à esquerda). E, sucessivamente, cada participante ia passando o aperto de mão para o participante da frente, até chegar ao aluno voluntário. Ganhava o jogo o lado que apertasse primeiro a mão do voluntário. De vez em quando, invertia-se a proposta, partindo o aperto de mão do aluno voluntário e terminando na professora.

No final da aula a professora Tânia explicou a intenção do jogo, que era uma maneira de trabalhar com as crianças com diversas intenções como: a noção de direita e esquerda, trabalhar com o corpo, interação da turma (de aluno para aluno), além de tornar a aula divertida e diferente. E foi assim que surgiu uma “luz” para todos os meus problemas relacionados aos alunos que dormem em sala de aula. Era uma maneira de dar uma mexida na aula, de fazer alguma atividade envolvendo atividade corporal, para que assim, o sono fosse embora. Então foi a partir daí que busquei em minhas aulas, adequar conteúdos com jogos lúdicos.

Vou relatar uma experiência que eu fiz em uma aula de Redação. O tema abordado foi: Texto descritivo. No final da aula, após ter abordado o conteúdo e feito um exercício, propus uma atividade envolvendo ludicidade.



Senhor Antonio Carlos segurando com a mão direita uma geleca e Senhor Jorge Saldanha com o passarinho.



Os mesmos alunos escrevendo suas redações.

Sabemos que, a nossa visão, o tato, a audição, o olfato e o paladar constituem as bases da descrição, é através dos sentidos que percebemos as coisas do mundo. Assim, a atividade teria a seguinte proposta: com os olhos vendados, os alunos teriam que sentir alguns objetos (geleca, ursos, lixa, travador de porta etc.) e dar um adjetivo ao mesmo. Por exemplo: geleca gosmenta. Após sentir todos os objetos, retirei a venda dos alunos e pedi que eles anotassem os adjetivos, os sentimentos sentidos (tato) diante os objetos. Enquanto eles

anotavam, propus no quadro, dois temas¹¹ de redação para que eles escolhessem e desenvolvessem uma redação descritiva. A história criada pelo aluno, deveria conter os adjetivos mencionados naquela atividade, fruto do que os sentidos puderam captar dos objetos com a venda nos olhos e articular com a história do mesmo.

Pena que nesse dia só foram dois alunos. Mas mesmo assim, a aula foi bem satisfatória, pois, além de ter rendido bastante coisa (deu para abordar diversas dúvidas envolvendo a construção de um texto descritivo), os alunos corresponderam bem às expectativas.

...é importante que um professor também possa saber propor momentos lúdicos em sala de aula, para que ensinar não seja apenas um processo mecanicista, simplesmente voltado para o repasse de conteúdos, sem despertar a curiosidade e a criatividade em conhecer o mundo que nos cerca (BEVILAQUA, 2007, p.5)¹².

Algumas vezes percebia que eles achavam esquisito esse tipo de proposta lúdica, pois acredito que haja, ainda, uma visão preconceituosa em relação à brincadeira. Ou seja, “brincadeira é coisa de criança” e escola, no imaginário das pessoas, principalmente em se tratando de adultos, é lugar de estudo. Há uma concepção em que a escola não é lugar para brincar, só para aprender e essas coisas não se misturam: não se aprende brincando.

E porque não subverter esta concepção equivocada? A escola pode e deve ser, também, o lugar de aprender brincando, de aprender com a emoção e não só com a razão. Há muito a escola apresenta um grande receio do tempo livre, pois ele remete ao tempo ocioso. Nós professores devemos romper com esse paradigma de uma escola voltada para o controle (carteiras enfileiradas, corpos aquietados, vozes caladas, aprendizagem isolada), assim, mesmo com tantas mudanças, em alguns espaços ainda se acredita ser possível aprender desta forma. Os adultos, com este modelo internalizado de escola, mesmo que tenha sido esta escola que um dia os excluiu do direito de aprender, ainda esperam que a aprendizagem assim se dê.

A partir desta experiência, passei a trocar e-mails com a professora e a pesquisar diversos jogos na Internet. Por coincidência houve uma reunião pedagógica que tratou sobre

¹¹ (PROPOSTA 1: “Hoje quando acordei, lembrei que sonhei...”; PROPOSTA 2: “Planeta terra: Nossa nave espacial”. Propostas extraídas da gramática : TERRA, Ernani. *Gramática, Literatura & Redação para o 2º grau* / Ernani & Nicola. São Paulo: Scipione, 1997)

¹² Depoimento de Fabiana Titon Beviláqua, participante do Projeto “Vivências lúdicas em espaços educativos: brinquedos de tradição histórico-social e cultural”, do Programa de Alfabetização Regional da Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC – Xanxerê. In: OLIVEIRA, Sandra Rogéria de. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Sessão Aberta. PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 04 N. 01 – jan/jun 2008

ludicidade e educação, foi mais uma oportunidade de trocar e expor idéias com os outros bolsistas junto das coordenadoras.

É claro que muitas vezes esses jogos pesquisados eram correspondentes à Educação Infantil ou ao Ensino Fundamental. Mas o importante é que essas atividades educativas podem ser trabalhadas em diferentes faixas etárias. O importante é que o professor saiba adequar às perspectivas (a proposta da matéria) e adequar à faixa etária, a fim de incentivar a participação de todos.

Portanto, atrelar minhas propostas de trabalho aos jogos lúdicos foi uma saída para superação de algumas dificuldades encontradas com esses alunos, mas também uma maneira de proporcionar uma maior interação sócio-afetiva entre os alunos e entre professora e alunos.

A atitude com os alunos faltosos

... Eu sou bastante criterioso quanto a isso, principalmente na turma C, que como eu já tinha falado anteriormente sobre a questão da evasão, de pessoas que faltam e muitas vezes vêm justificar com o atestado médico, e eu justifico. Mas eu prefiro ser o que, faltou se precisar me chamar no canto ali, eu re-explico a disciplina, mas eu não procuro não interromper o andamento da turma, por conta daqueles que faltaram. E aqui (no Invest), até porque é um pouco diferenciado do estudo, do formato de uma escola, você acaba tendo que abrir exceções, aceitando trabalhos fora do prazo, avisar: “fulano de tal não trouxe ainda, vou esperar trazer”. Porque eu vejo que dentro de uma turma maior, uma escola maior, uma escola do Estado ou do Município isso não seja possível aplicar. Digamos, eu não sou a favor de abonar o aluno que falta, mas aqui você por conta desta proximidade deste diferencial, você acaba tendo que aceitar os trabalhos mesmos que passarem de um determinado período (Bolsista Alair).

Diante das respostas dadas na entrevista, percebe-se que eles levam em conta (dão um desconto) ao aluno que falta e procura justificar, apontar o (s) motivo (s) da falta. Isto por que a quantidade de aluno no InvestUERJ è pequena, além de saber as dificuldades de cada aluno que estão ali. Sendo assim, a atitude varia de professor para professor. Uns passam trabalhos extras e outros mandam entregar os exercícios.

Concordo com o professor Alair quando ele fala que como o número de alunos é restrito você fica mais próximo do aluno e acaba que aceitando o trabalho num determinado período. Até porque, por estar próximo, sabemos perfeitamente as dificuldades enfrentadas por esses alunos.

Dou trabalhinho extra. Tudo que foi trabalho, por exemplo, uma atividade no quadro, que corriji no quadro, que a maioria das vezes é assim que fica mais fácil, e eu gosto bastante de passar coisas no quadro para o seu Jorge (aluno turma C) copiar para ele aprender a escrita e tão, então eu bolo uns mini textos e escrevo tipo: marque os verbos. Não o que é o verbo, tudo assim, textinho, tudo que sai da minha cabeça. Porque assim, eu acho que dá muito trabalho você preparar uma aula que é para ser um pedaço da aula, e você achar um texto que tenha os verbos que você quer trabalhar. Então eu bolo, eu tenho essa facilidade, quando me dá inspiração, então eu bolo. Aí neste textinho de sala, aí eu não dou trabalho não, eu digo: “Se você quiser que corra atrás”. Mas por exemplo, papelzinho que eu dou, apostilinha que eu dou, atividades da apostila que eu dou, aí eu falo: “Rosangela (aluna faltosa da turma C) a gente fez de tal a tal”. Aí ela faz em casa e me dá (Bolsista Gianna).

Gostaria de destacar, inicialmente, o uso do diminutivo pela bolsista: *trabalhinho, textinho, apostilinha*, que é uma forma de linguagem muito utilizada na Educação Infantil. E, se nesta fase já não é considerado adequado o uso do diminutivo, pois deve-se utilizar os termos corretos; em se tratando de adultos da EJA, fica ainda mais dissonante seu uso. No entanto, percebe-se em muitas práticas que envolvem a educação de Jovens e Adultos, uma infantilização do trabalho, principalmente quando este é voltado à alfabetização, com o uso de cartilhas e/ou palavras-chave do universo infantil. Há muitas críticas neste sentido e considero importante buscar a superação deste tratamento, que, de certa forma, estigmatiza e inferioriza o sujeito jovem e adulto.

Assim como relata Gianna, em minha aula (de redação) a presença era um ponto que contava bastante. Eu compreendo que se o professor tem um trabalho para preparar a aula. Quando preparamos e planejamos uma aula ou atividade, estamos contando com um número X. E quando esses alunos faltam, muitas das vezes atrapalha muito o andamento da matéria, que dependendo do caso, (trabalhar, por exemplo, com jogos) muitas das vezes se torna difícil executar. Porém, como professora, eu procurava entender as verdadeiras dificuldades dos alunos. Acho que o docente muitas das vezes deve ter humildade de compreender as dificuldades enfrentadas pelo educando. Ainda mais no Invest, que não é difícil perceber o aluno que é realmente interessado e aquele que não é. Então, quando percebia que o aluno não foi por um motivo não necessário, então não haveria de ter ponto de presença. Na maioria das vezes (nos dois bimestres), passei trabalhos extras. Para incentivar a presença desses alunos, toda aula de redação tinha uma atividade a fim de fazer uma avaliação de forma contínua.

Em relação ao tempo – espaço do InvestUERJ

Eu acho que atende sim. Quanto ao tempo, o único problema é assim, o dia é um pouco apertadinho, mas por eles estarem tendo uma liberação do serviço, é um tempo bem menor. É pouco o horário de aula, só que dá para aprender bastante. Quem realmente quer aprender, aprende (Bolsista Rosana).

Eu acho que atende sim. Quanto ao tempo, é aquilo, você tem que moldar a matéria de acordo com a disciplina, de acordo com a realidade desse aluno, então que eu dei foi o suficiente (Bolsista Cristiano).

Mas, devido também as nossas dificuldades, nem tudo pode ser aprendido ao mesmo tempo, quer dizer, de duas às cinco já é alguma coisa. Para você ter um tempo maior deveria ser de uma e aí não compensa, porque não dá para conciliar com o setor de serviço. Porque são doze horas de serviço, de sete às sete e meia, e aí não daria mesmo (Aluna Maria de Fátima, turma D).

Sobre o *tempo* do Invest, os bolsistas afirmam que gostariam que as aulas fossem mais extensas. A maioria alega, que para abordar todos os conteúdos necessários, teve “enxugar” muito a matéria, tornando o conteúdo, de certa forma, empobrecido. E por isso, alguns conteúdos tiveram que ser deixados para trás. Porém, dizem que o tempo deve adequar-se às realidades desses alunos.

Ao questionar acerca do espaço físico do Projeto e a infra-estrutura para a realização do trabalho, a bolsista Gianna nos diz:

Olha, atender, atende. Mas por ser no cantinho, meio esquecidinho, eu acho que fica meio desvalorizado o programa. Tanto no corredor é um cantinho, quanto na própria UERJ é um cantinho. Podia ser no 1º andar pertinho do hall, sabe? Como é o nosso aglomerado na faculdade... Mas em compensação aqui tem um espaço que eles precisam, têm o mini auditório se precisar, as salas tem ar condicionado, então é um lugar cômodo, mas eu acho que é um lugar muito destacado do mundo, é uma coisa chata (Bolsista Gianna).

Quanto ao *espaço*, a maioria diz que está adequado ao número de alunos. O InvestUERJ funciona no primeiro andar do bloco E na UERJ do Maracanã. O setor é um lugar tranquilo e todas as salas têm ar condicionado (fato este não muito comum em outros institutos da mesma universidade). Além disso, o espaço é suficiente para todos os alunos, as cadeiras bem conservadas e as salas em geral estão em bom estado. Comparando com outros andares,

até mesmo do prédio da UERJ, o Invest é um luxo, já que em outros andares, observamos precariedade nos banheiros, dos bebedouros, das bibliotecas etc. Portanto, julgo a infraestrutura do Invest bem planejada, pois tanto os alunos quanto os bolsistas podem usufruir de um espaço para cumprir suas tarefas de práxis, de água, café, e de banheiros sempre limpos e com materiais higiênicos disponíveis. Além disso, os materiais utilizados em sala de aula tais como: como papel, cartolina, emborrachado (EVA), entre outros, estão sempre disponíveis. Este fato facilita bastante à elaboração de uma atividade diferenciada com os alunos. Porém não ressalto estes fatores como “vantagens” propriamente ditas, já que considero isso como condição mínima para qualquer trabalho. Apesar disso, sabemos que não é em qualquer lugar que funciona desta maneira.

Mas nem tudo é perfeito. Há coisas a serem melhoradas. Por exemplo: no setor só há dois computadores. Dos dois, só um funciona bem. Portanto só um computador para cinco bolsistas e mais duas coordenadoras, sem contar com a disponibilidade para execução de tarefas comuns das auxiliares. Há também carência de acervos de livros a serem consultados. Muitos deles são antigos e não há muita variedade. O bolsista para pesquisar, necessita de recorrer a outros meios tais como pesquisas em casa através da Internet ou mesmo em outras bibliotecas. Portanto, mesmo apontando algumas necessidades a serem sanadas, podemos dizer que o projeto possui uma estrutura muito boa dentro das suas possibilidades.

4.2. Os alunos do Projeto

*A ação de olhar e escutar é sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios ponto de vista, segundo sua história.*¹³

A maior parte das entrevistas com os alunos do InvestUERJ foram realizadas no dia 16/07/2008. Alguns alunos que faltaram nesta data, como foi o caso das alunas Rosângela e Ana Ribeiro, ambas da turma C, foram entrevistadas na semana seguinte.

Como já havia dito anteriormente, alguns alunos da turma D se recusaram a gravar as entrevistas, limitando a responder questionários de forma escrita. Considero que o motivo da recusa seja devido à timidez dos alunos ou mesmo, por falta de entusiasmo e/ou reconhecimento da importância da pesquisa. Porém o interessante é perceber que por parte de algumas alunas (Maria da Glória, Maria de Fátima, Ivone) houve um interesse muito grande em colaborar, evidenciando o desejo de terem suas palavras registradas, ou seja, fizeram questão de gravar a entrevista. Acredito que ao propor a entrevista e ao colocar a importância de suas narrativas para este estudo, fez com que as pessoas se sentissem mais autoconfiantes no sentido de poder colaborar com algo que lhes diz respeito, pois busca possibilidades de melhor desenvolver um trabalho com jovens e adultos trabalhadores.

As entrevistas foram feitas individualmente, em uma das salas do projeto InvestUERJ, sendo que as três alunas, pertencentes à Turma D, chegaram juntas para o momento da entrevista, pois andavam sempre juntas, sendo colegas de turma e de trabalho, afinal, trabalham no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE).

As entrevistas foram satisfatórias por revelar um pouco mais desses alunos, pois por meio da oralidade, trouxeram suas histórias de vida, seus sentimentos. A memória dos alunos possibilitou-nos compreender o que InvestUERJ representava em suas vidas; qual o nível de importância que os mesmos depositavam em relação à educação; quais os motivos pelos quais pararam de estudar e o que os motivou a retornarem aos estudos; quais foram as dificuldades encontradas no processo; enfim, as respostas dadas aos questionamentos feitos, nos aproximam do cotidiano e da realidade desses alunos, informando-nos sobre algumas pistas que podem incrementar a ação de refletir\ agir no sentido de enriquecer este trabalho.

Com meus alunos da turma C, com os quais eu tinha um contato mais direto, era fácil saber a importância e o valor que os mesmos depositavam em relação aos seus estudos, eram compreensíveis suas dificuldades, pois interagíamos em sala de aula e, as questões que

¹³ Documento Observação e Registro: MOVA/ SP.

deixavam dúvidas, eu ia procurando responder no diálogo que se estabelecia cotidianamente. Mas com os alunos da turma D, era preciso estabelecer um contato maior a fim de aprofundar as questões de interesse nesta pesquisa. Durante a aula, surgiam diversos assuntos nos quais os alunos falavam sobre o cotidiano de vida ou do passado e era através dessas conversas informais que extraía idéias para preparar as aulas, uma maneira de trabalhar e discutir a atualidade e de trazer o conteúdo mais próximo do aluno. Mas com o pessoal da outra turma D do qual não dava aula de reforço, quase não dava tempo de ter esse tipo de aproximação mais pessoal, até porque o tempo é sempre corrido e a exigência com o cumprimento da grade curricular se coloca, muitas vezes, na frente das questões de caráter mais pessoal. De vez em quando, no intervalo (hora do café), dava para ter uma conversa informal com um ou com outro aluno, mas nem sempre isso era possível, pois eu utilizava este período para atender, individualmente, meus alunos que apresentavam dificuldades na aprendizagem.

Portanto, ao buscar realizar esta análise da entrevista, tive a oportunidade de estabelecer uma maior interação, de ter uma maior participação na vida destas pessoas pelas quais eu tenho muito carinho, dedicação e muita satisfação por ter conhecido e de ter feito parte de seus caminhos, assim como, hoje, elas fazem parte do meu caminho. E, como nos diz Portelli (1997), as pessoas com as quais pesquisamos, enriquecem nossa experiência, pois são elas que têm o conhecimento buscado para a compreensão da realidade pesquisa. E, como nos diz o poeta Gonzaguinha: *cada pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas.*

Assim, em sua totalidade, em relação às duas turmas, foram realizadas nove entrevistas gravadas e seis entrevistas escritas, ou seja, seis questionários e, a partir das respostas dadas pudemos realizar uma análise interessada, a fim de compreender e a promover o debate acerca da importância de haver uma maior aproximação dos conteúdos aprendidos na escola com os conceitos cotidianos, vividos por nossos alunos. Além de promover o questionamento e a reflexão a cerca das propostas metodológicas e curriculares a serem utilizadas para os alunos da EJA, a fim de contribuir para o desenvolvimento dos mesmos.

A interrupção nos estudos – motivos

Por bobeira. Porque eu não estava a fim, e aí parei. Eu era solteira, trabalhava aqui na UERJ, mas o trabalho nunca me impediu de estudar, morava com a minha mãe e decidi parar (Rosangela, turma C).

Eu antes de vim para o Invest eu entrei em uma escola à noite, eu não sabia do InvestUERJ, eu fiquei pouco tempo no outro, mas depois eu vim para aqui, já era para eu ter terminado há muito tempo aqui no Invest. Eu vim e parei, vim novamente, parei de novo. Não sei por que parei, acho que foi o cansaço. Mas agora eu voltei. A Christina (coordenadora do InvestUERJ) me ligou, me chamando para voltar, ela me ajudou muito a eu voltar. Se não fosse ela, eu não teria nem voltado por comodismo (Ivone Marques, turma D).

Instigante pensar sobre estas falas, porque nelas se abrem diversos questionamentos a respeito dos motivos de ambas abandonarem os estudos. Rosângela afirma ter parado de estudar porque “*não estava a fim*”. Mas será que ela abandonou o estudo por uma suposta preguiça? Ou será que o tipo de ensino ou mesmo a escola que não eram interessantes?

Quando a aluna Ivone fala que entrou e saiu várias vezes da escola, ela aponta um problema na questão da motivação dentro da escola. E o cansaço, neste caso não é relevante? Ivone trabalha no hospital, realiza plantões, ou seja, muitas das vezes se sente cansada, enfim, ela é uma trabalhadora, como qualquer ser humano, precisa de descanso. Alguns trabalhos, principalmente os considerados mais pesados ou com uma carga horária muito extensa, dificultam a possibilidade de estudo. Então, acredito que no caso de Ivone, o fato de retornar aos estudos, teve a questão de “colocar na balança”, de “pensar” o que era mais importante: estudar ou trabalhar? É lógico que por questão de sobrevivência, a maioria das pessoas opta por trabalhar. Assim, encontramos em nossa pesquisa a confirmação o dito por Jesus e Araújo (2008) em artigo que trazem a experiência de um curso de formação de educadores populares, no Piauí ... *as narrativas mostram-nos a internalização da “culpa” pelo fracasso escolar, a criminilização da própria vítima e a consequente isenção de responsabilidade da sociedade e da escola pela produção histórica do analfabetismo* (pág.139). Ou seja, os sujeitos da EJA, são estigmatizados, sofrem com o preconceito e, ainda, assimilam o papel que a sociedade lhes atribui.

Através de conversas informais dentro de sala de aula, percebi que a aluna Rosângela se culpabilizava por ter parado de estudar, julgando-se preguiçosa ou comodista. Mas será mesmo que ela abandonou a escola por preguiça, ou haveria outro motivo. Não poderia ser a metodologia utilizada, na época em que estudou, desmotivante e desinteressante para ela? Quais outros motivos poderiam estar presentes naquele momento?

Sabemos que tendências educacionais “tradicionalistas” se caracterizavam pela valorização dos aspectos cognitivos e quantitativos com ênfase na memorização; além de

incentivar os alunos a reproduzirem na íntegra o que foi “ensinado”, ou seja, o foco é o *ensino* e não a *aprendizagem* e o sujeito da mesma. Portanto se caracterizava por ser uma tendência classificatória, fazendo uma rotulação entre os alunos que sabem e os que não sabem. Os que “não sabem” o que se elege “arbitrariamente” como necessário para a promoção, são considerados “desviantes”, “ignorantes” da norma. Assim a escola se caracterizava como excludente. Segundo Saviane (2007, p.6): ... *era marginalizado da nova sociedade quem não era esclarecido. A escola surge como um antídoto á ignorância, logo, um instrumento para equacionar a marginalidade.*

Segundo Silva (2002), ao discutir sobre as teorias de currículo:

A escola atua ideologicamente através de seu currículo, seja de uma forma mais direta, através das matérias mais suscetíveis ao transporte de crenças explícitas sobre a desejabilidade das estruturas sociais existentes, como Estudos Sociais, História, Geografia, por exemplo; seja de uma forma mais indireta, através de disciplinas mais "técnicas", como Ciência e Matemática (p.31 e 32).

Além disso, ele aponta a seguinte problemática da *dominação cultural* inserida nos currículos escolares, em que os alunos de classes populares eram/são considerados como sem cultura, sem inteligência, por isso, direcionados para se restringirem ao mercado de trabalho e voltados para a subordinação. Já a elite, era/é preparada para o mercado de trabalho dominante, ao considerar-se que tem mais cultura e mais habilidade para o comando. Ou seja, “cultura” aqui, é compreendida no singular e propriedade da classe dominante. E Gusmão (2000) nos ajuda a entender o equívoco da escola neste sentido, quando diz que: *a cultura no interior de uma realidade humana é sempre dinâmica, não é fechada ou cristalizada como patrimônio de raízes fixas e permanentes* (p. 16). Portanto a escola tem sim uma parcela de culpa em relação à exclusão e desmotivação dentro de sala de aula, pois tende a ignorar ou invisibilizar a cultura dos sujeitos que pertencem às classes populares.

No caso da aluna Ivone, qual dificuldade de estudo para essa aluna? Como ela mesma disse, trabalha no hospital Pedro Ernesto, faz plantões. Mas será mesmo que o trabalho possibilitava estudar com tranquilidade?

Foi divulgada pelo Jornal Nacional uma pesquisa¹⁴ feita pela Fundação Getúlio Vargas, as principais causas de haver a evasão escolar. Segundo a pesquisa 40% dos entrevistados apontam a falta de interesse dos alunos e, para 27 %, a causa é o trabalho. Através deste resultado percebemos o quanto é importante haver mais discussões em torno

¹⁴ Essa pesquisa foi exibida no dia 15/04/2009, no Jornal Nacional, TV Globo.

dos currículos e das práticas pedagógicas utilizadas nas instituições de ensino. Mas, além disso, a pesquisa também aponta sobre uma questão que envolve não só o problema relatado por Ivone, mas o de muitos brasileiros: os embates envolvendo o estudar e o trabalhar.

O que não se discute, ao apresentar os dados, é quem são estes sujeitos que passam pelo conflito entre estudar e trabalhar. A imensa desigualdade social brasileira, muitas vezes, não é levada em conta nos dados da exclusão. Então, voltamos ao que já abordamos anteriormente: a *vítima* da exclusão ainda se sente culpada pelo fato de não estar incluída e de ter garantido seu direito à educação. Assim, apesar do governo propor a campanha “Educação para todos”, sabemos que, de fato, cursar ou completar o Ensino Médio, ainda é considerado um privilégio para muitos brasileiros.

Existem diversas discussões em torno do currículo escolar e da metodologia aplicadas pelos professores, no sentido de aumentar a qualidade de ensino de nossas escolas. Porém, devemos partir da idéia de que a EJA, ainda é um campo em construção e envolve muitos desafios. Ainda podemos considerar como recentes as definições de políticas públicas envolvendo a Educação de Jovens e Adultos. Muitas delas são caracterizadas como políticas “imediatistas” no sentido de fazer crer à população de que medidas estão sendo tomadas para reverter o quadro. No entanto, não criam meios para que alguns programas sejam mantidos e que atendam às verdadeiras necessidades dos alunos da EJA (como o caso dos alunos que precisam conciliar trabalho e estudo).

Foi divulgado pelo Jornal “Folha de São Paulo”, do dia 14 de junho de 2009, uma pesquisa do IBGE indicando que 90% dos analfabetos absolutos ainda estão fora dos cursos de alfabetização. Esta reportagem aponta que, dificilmente, o governo irá atingir a meta estabelecida até 2011, de se “erradicar”¹⁵ o analfabetismo no país. Para que esses programas tenham um resultado melhor, acredito que seja preciso uma reformulação. Não se pode ignorar a realidade de que a maioria dos indivíduos envolvidos da EJA é pertencente às classes populares, são alunos trabalhadores, com especificidades que precisam ser olhadas. Generalizá-los como “alunos”, é um equívoco:

O grave é não ver os jovens e adultos populares da EJA como trabalhadores, formando-se e deformando nas precaríssimas vivência de trabalho e da sobrevivência. Quando voltam da sobrevivência e do trabalho para escola podemos vê-los apenas como escolares, defasados idade-série e ignorar sua condição de trabalhadores (SOARES, 2006, p. 27).

¹⁵ O termo erradicação do analfabetismo, já criticado por muitos autores, pois dá idéia de que o sujeito que não sabe ler e escrever sofre de uma “doença”, que precisa ser “erradicada”.

Uma tarefa muito séria e desafiante, será pensar um programa, uma política de formação de educadores de jovens e adultos que coloque como eixo de sentido o domínio de uma sólida base construída, tendo como referência o trabalho, os movimentos sociais, a cultura, a experiência e resistência à opressão como matrizes pedagógicas (SOARES, 2006). Por não haver uma definição dos parâmetros oficiais que possam delinear o perfil do educador de jovens e adultos e de sua formação, faz-se necessário possibilitar a discussão e a reflexão mais aprofundada a respeito de termos a responsabilidade de trabalhar com uma educação emancipatória, atendendo as verdadeiras necessidades que caracterizam estes alunos.

Assim, é importante destacar que ainda observamos inseridos nas escolas conteúdos que não correspondem à realidade e as necessidades dos nossos alunos. Principalmente se tratando da modalidade EJA, em que se faz necessário uma abordagem educativa diferenciada buscando atender a um perfil também diferenciado de alunos, pois ao utilizar-se de um currículo muito fechado ou já definido nos programas e projetos escolares (comuns ao ensino regular), os conteúdos acabam por se distanciar da essencial dinâmica emancipatória da EJA, se afastando das realidades dos alunos, além de desconsiderar e desvalorizar os saberes, invisibilizando suas culturas de origem:

Ao focalizar a escolaridade não realizada ou interrompida no passado, o paradigma compensatório acabou por enclausurar a escola para jovens e adultos nas rígidas referências curriculares, metodológicas, de tempo e espaço da escola de crianças e adolescentes, interpondo obstáculos à flexibilização da organização escolar necessária ao atendimento das especificidades desse grupo sociocultural (PIERRO, 2005, p. 1118).

Pensa-se em compensar o tempo perdido assim os conteúdos e os programas de ensino vêm sendo trabalhados de forma aligeirada, com “métodos compensatórios” que não correspondem necessariamente ao sentido da EJA, que seria o de trazer aprendizagens sociais, significativas e emancipatórias para esses indivíduos. Ainda segundo Soares: *se a EJA caminhar para se configurar nas modalidades de ensino fundamental e médio, a tentativa que se têm... Vai-se tornar desnecessária* (2006, p.21). Portanto, diferente de seguir um modelo pedagógico do ensino regular, a educação de jovens e adultos deve criar situações pedagógicas próprias a fim de proporcionar um aprendizado que atenda às necessidades sociais, econômicas e culturais dos alunos.

... o programa da alfabetização deveria vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da

significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador (FREIRE, 2003, p.21).

A dificuldade de aprendizado faz com que estes próprios indivíduos citados anteriormente se auto-culpabilizam por ter desistido da escola, sem saber que são as verdadeiras vítimas deste sistema excludente de sociedade. Como é o caso da aluna Rosângela que nos disse ter parado de estudar “*Por bobeira*”. Por conhecer a aluna e um pouco de sua trajetória percebo que o desinteresse pessoal está atrelado ao motivo pela desistência de estudar.

Como educadoras, temos que ter uma visão política sobre as questões históricas e sociais a fim de mudar esse contexto histórico, sensibilizar nossos educandos sobre a importância do questionamento. Pois nenhuma luta é vencida de maneira espontânea ou por acaso. É preciso haver uma luta coletiva (gestores, educadores, educandos, comunidades, dentre outros) e consciente no sentido de estabelecer um projeto revolucionário a fim de superar esta estrutura social vigente.

Motivações para voltar a estudar

Eu sempre trabalhei na área operacional, então o meu setor que eu trabalho não modificarei a isso, mas no meu caso específico foi o meu envolvimento com o lado espiritual que é a minha religião e que isso requer um pouco de conhecimento, né? É teórico em várias partes, e eu já estava um tempo parado, então foi essa área aí. Eu tive necessidade para até correção para manter um diálogo com as pessoas, que me faltava um pouco de entendimento e agora já me abriu alguma coisa, já melhorou muito (Antonio Carlos, turma C).

Às vezes nos perguntamos qual seria a grande importância de estudar. Será que a educação garante um futuro estável financeiramente? Ou seria porque a educação nos proporciona conhecimentos para entendermos mais sobre o mundo, a sociedade na qual vivemos, trazendo assim, a emancipação como cidadão e melhores condições de vida? Independentemente da resposta de cada um, sabemos que a educação não garante piamente o sucesso financeiro, mas a educação está ligada ao estímulo intelectual do indivíduo, conseqüentemente proporcionando melhor criatividade e emancipação por meio do direito aos conhecimentos que a humanidade produz/ produziu.

Percebemos na narrativa do aluno que ele enfatiza a importância dos saberes, de obter conhecimentos, cultura e de estar antenados com conhecimentos atuais. No caso do aluno Antonio Carlos, voltar a estudar se deu pelo fato de perceber a necessidade do

aprimoramento da linguagem e de conhecimento dentro do ambiente em qual convive (na igreja, no trabalho). Pois nesse caso, era importante para ele. A intenção era de se aprimorar em relação à linguagem, favorecendo um melhor diálogo com as pessoas, em relação ao melhor entendimento na leitura (neste caso de ler e interpretar a bíblia), de melhor argumentar, ou seja, de estar “atenado” com as questões atuais, com os conhecimentos que surgem e modificam a cada dia.

Antônio Carlos tem duas filhas e uma neta. A filha caçula e a neta têm mais ou menos a mesma idade, são adolescentes e em conversas informais ele dizia ser muito legal ambos trocarem informações sobre assuntos escolares. Algumas vezes, em trabalho de pesquisa, ele pedia ajuda à filha ou à neta. Ele se destacava por ser um aluno interessado e curioso. Gostava de entender sobre fatos atuais e que marcavam a nossa sociedade. Por exemplo: na aula de redação, gostava muito de trabalhar com jornal, pois tratava de fatos atuais e ao mesmo tempo, desenvolvia a leitura, a escrita e crítica dos alunos. Em certa aula, com o tema escolhido por um grupo, surgiu o tema gravidez na adolescência. E ao iniciarmos o diálogo, Antônio Carlos disse que sua filha engravidou cedo, porém na época não era tratado tão abertamente o tema sexo na escola. Então, questionou o porquê de um tema, atualmente, tão bem divulgado e, no bairro onde mora, ainda haver um grande número de adolescentes grávidas. Foi muito interessante essa pergunta porque criou a possibilidade de abirmos um debate e compartilharmos opiniões diferenciadas. Então procurei fazer pesquisas sobre estas questões e numa aula posterior abordamos, discutimos e tiramos dúvidas, a fim de buscarmos uma possível resposta ao questionamento de Antônio. Mas o que refiro de interessante, não está atrelado somente ao aprendizado, mas do envolvimento à interação entre todo o grupo. Fato que está presente na narrativa que se segue:

E acho que Deus me botou numa hora certa, porque eu estudei pouco, eu gosto desse período de adolescente, que eles brincam na sala de aula, que você participa você vem no ônibus, você escuta aquelas brincadeiras, que eu acho uma coisa pura, eu tive agora. Eu não sou adolescente e nem meus colegas, mas a nossa sala é como se fosse adolescente, a gente brinca, eles brincam, somos todos adolescentes... Então para mim, além dos estudos, a minha sala, foi a melhor sala de aula, foi ótimo! Eu, esses meninos, a Fátima, os colegas, foi os dois anos que eu tinha prazer de vir para escola. Muitas vezes, eu estou em casa e penso: “Acho que eu não vou não.” Aí eu vou, porque eu me lembro da brincadeira, além dos estudos, tem essa terapia que são os meus colegas. Então foi um prazer enorme, estar com todos, além de vocês também, por terem o maior carinho com agente, o carinho de vocês também foi muito importante. O preparo de vocês da coordenação, para receberem a gente (Maria da Glória, turma D).

Podemos perceber através da fala da aluna Maria da Glória, que a voltar a estudar representa para ela a importância de não só absorver diferentes aprendizagens, e conhecimentos. Mas também de perceber que existem outras pessoas com as mesmas realidades em busca do saber, o qual eles se identificam e se unem de uma forma mais prazerosa, no sentido de superarem as dificuldades. Assim além da escolar ser um ambiente de aprendizado, ela se torna também local de se fazer novas amizades. Até porque, como já havia dito, a turma D tinha um número maior de alunos. Por trabalharem uma grande parte no mesmo setor e já terem uma amizade desde a turma C, eles eram muito animados. Combinavam de fazer festinhas para os aniversariantes, combinavam, passeios, havia alegria em sala de aula, “zoações”, brincadeiras, em fim, era uma turma viva, considerada como turma de adolescentes. Exatamente como Maria da Glória descreve na narrativa acima. Nós, bolsistas e o pessoal da coordenação, nos divertíamos muito com as histórias (resultado de algumas atitudes por parte dos alunos em aula) surgidas da turma.

*...Esses jovens e adultos ao tornarem-se estudantes
Buscam dentro da escola um lugar interessante
Estudar é para eles um momento de informação
Mais do que decorar, buscam a compreensão.*

*Querem aprender a ler, a somar, multiplicar.
Querem também um tempo para dialogar
Debater sobre cultura e sexualidade
São demandas pra escola falar realidade.*

*Ter um grupo de amigos para se relacionar
É também esse desejo de quem volta a estudar
A escola é mais que a aula pra esse trabalhador
É espaço de vivência muito socializador...
(Lucia Helena Álvares Leite)¹⁶*

É esse sentimento de aprender, de se relacionar, de troca, que motiva não só o professor, mas também os alunos. Lembro-me na sétima série (atual oitavo ano), quando estudava no colégio Isaac Newton (Vila Velha/ES), tinha uma grande amiga Karina Kallil. Teve um período que quase todos os dias combinávamos de “matar aula”, combinávamos de deixar de ir a escola para ir para praia. Então colocávamos o uniforme (para parecer que

¹⁶ Texto utilizado em uma dinâmica na sala de aula, da disciplina Educação de Jovens e Adultos I.

íamos à escola) e caminhávamos em direção à praia (que não era muito longe, dava para ir a pé). Mas, no caminho a gente sempre acabava desistindo. Mas não era por medo não, era porque lembrávamos como ia ser chato estarmos na praia (nos dias de semana ficava vazia), pois, em comparação, na aula nós íamos nos divertir jogando bolinha nos colegas, assistindo a aula do professor de História, que era muito engraçado (grande Luiz! Não me lembro do sobrenome), fofocar com as amigas, enfim, fazer parte de tudo que envolve o ambiente escolar.

Fiz um parêntese para trazer esta minha história, porque geralmente as pessoas acabam generalizando que estudar é chato, escola é chata etc. Bom, para muita gente a escola representa isso mesmo, mas acredito que existam casos diferentes, perspectivas diferentes e instituições diferentes. Acho que as instituições escolares devem visar esta idéia, de fazer a escola como o segundo lar do aluno, um lugar de aprender, mas aprender se divertindo. O professor deve buscar entender, conhecer, escutar para manter um bom convívio com o aluno e tornar a aula mais satisfatória. Além de estabelecer um espaço de que ao mesmo tempo em que se ensina, também se aprende, tornando a escola como um meio de troca de conhecimento, troca cultural e troca social:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando dos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles (FREIRE, 1996, p. 71).

Percebemos que a troca de aprendizado é recíproca, e que nós educadores, não estamos tão distantes dessa condição de excluídos, lutadores, trabalhadores que sofrem com a falta de políticas públicas em nossa sociedade. Entendemos as realidades trazidas para sala de aula por esses alunos. Quando discuto em sala de aula à respeito de uma notícia de jornal, por exemplo: discutir problemas existentes no bairro, percebo a indignação desses alunos em relação à ausência do Estado em determinados problemas da nossa cidade, percebo e compartilho essas indignações não só aqui, no papel de professora, mas como cidadã, que merece e deseja uma cidade, um estado melhor. Então, observo o quanto nossas realidades, nossos desejos estão próximos.

Tinha dois irmãos, e ela tinha que trabalhar, alguém tinha que trabalhar e eu abri mão mãos dos estudos para olhar a casa e meus irmãos, para minha mãe trabalhar e ajudar o meu pai (Maria da Glória, turma D).

São diversos os motivos que ocasionam a interrupção dos estudos. No caso da aluna Maria da Glória, ela diz que a primeira vez que parou de estudar foi devido à necessidade familiar.

Em sua narrativa, Maria da Glória diz que sua mãe tinha que trabalhar e por ser a filha mais velha, tinha que ajudar com as tarefas de casa e cuidar dos seus irmãos. Essa realidade era muito comum entre as mulheres, já que, historicamente, houve um período que dentro de um contexto social as mulheres eram restringidas ao aprendizado das tarefas do lar e se preparar para o casamento. Esta era uma cultura imposta. E essa posição era acatada pelas mulheres, já que: *é a posição de quem se assume como fragilidade total diante do todopoderosismo dos fatos que não apenas se deram porque tinham que se dar, mas que não podem ser “reorientados” ou alterados* (FREIRE, 1996, p. 114).

E para essas mulheres inseridas nesta realidade, a educação se restringiu a um sonho, sonho de ter uma profissão, de obter mais e novos conhecimentos e de dar continuidade aos estudos. Mas o importante aqui é de frisar que essa ideologia cultural não era imposta por acaso.

Uma das grandes, se não maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir... E, quando julga que se salva seguindo prescrições, afoga-se no anonimato nivelador da massificação, sem esperança, sem fé, domesticado e acomodado: Rebaixa-se a puro objeto (FREIRE, 1980, pág. 51).

Por isso, é necessário pensarmos sobre esses fatos e proporcionar dentro da sala de aula um aprendizado a favor da construção de indivíduos reflexivos, de alunos que sejam conscientes destas realidades. Pois se não fizermos nossas escolas, alguém o fará por nós. Segundo Soares: *todo terreno quando é cercado, termina logo nas mãos de alguém, de um proprietário, e acaba sendo um lugar onde só cultiva a monocultura* (2006, p. 19). Por isso, a importância de trabalharmos em conjunto sobre assuntos políticos e sociais, mas acima de tudo refletir e dar abertura às discussões, dar voz aos alunos a fim de formarem alunos ativos na construção de uma sociedade, diferentemente de formar alunos domesticados, “fantoques” do sistema, o qual Paulo Freire nomeia como puro *objeto*.

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também há história (FREIRE, 1996, p. 31).

Cursando a disciplina História da Educação, foi proposta uma atividade envolvendo memórias, histórias de vidas com pessoas de mais idades. Então eu procurei investigar sobre a bisavó da minha filha, Dona Clara e a minha mãe, Vitória. Escolhi as duas porque ambas tinham histórias interessantes a contar.

Dona Clara (bisavó da minha filha) é de origem polonesa, tendo vindo para o Brasil fugindo do nazismo, pois ela era de família judia. Ela disse que veio para o Brasil muito pequena, e que adorava estudar. Porém por ter começado a namorar, foi impedida pelo pai freqüentar a escola. E ao escutar a narrativa de Clara, claramente pude perceber o quanto era o desejo de estudar e de se formar em medicina.

A escolha de minha mãe (Vitória) se deu ao fato de ter nascido em 08 de maio de 1945, no dia em que acabou a segunda guerra mundial, portanto, é uma pessoa que tem coisas interessantes a contar. Vitória abandonou os estudos no último ano do Ensino Médio (antigo segundo grau) e conta que só faltou aprovação na disciplina de Matemática para passar. Começou a trabalhar muito cedo e por isso tinha muita dificuldade para estudar, além de que, segundo ela, dizia ter uma professora muito grosseira, não conseguia entender a forma como o conteúdo era trabalhado na disciplina e a professora dava cada “carão”, que acabava se tornando motivo de zombaria na sala de aula, causando muito constrangimento. Entre essas e outras coisas fizeram com o que desanimasse, deixando de concluir o seu curso.

Os sujeitos com graus mais baixos de analfabetismo, todos eles de origem rural, sempre evocam a escola como única referencia de práticas letradas, normalmente associadas a exercícios penosos de memorização de letras e sílabas e situações humilhantes de exposição pública das próprias incapacidades (RIBEIRO, 2001, p. 49).

Desde os tempos das escolas jesuítas, era republicana, até a contemporaneidade, muitas escolas se preocupam mais em moralizar, refiro-me aos hábitos, posturas, de formar corpos dóceis, a fim de atingir o objetivo principal que é o de controle da população. Diferentemente de educar para pensar, de trabalhar o senso crítico desses indivíduos e de formarem cidadãos. Lendo esse trecho de Ribeiro, lembro-me das histórias que minha avó paterna (Dalva Cunha Destefani) contava quando era professora. Dizia que quando seu aluno errava a tabuada, dava uma “reguada” na mão para que o aluno decorasse e não deixasse de acertar na lição. O que demonstra, infelizmente, que a violência está inserida no ambiente escolar, contextualizada de diversas maneiras: violência simbólica, violência verbal, moral e física.

Só que na contemporaneidade, os papéis se invertem, hoje em dia os professores, muitas vezes, é que são as vítimas do medo, pois vemos que cada vez mais os professores sofrem um tipo de violência dentro das salas de aula. Não que tenha sido abolida a violência de professor para em relação ao aluno, pois infelizmente esta realidade ainda está presente dentro do cotidiano escolar. Porém, é feita de uma maneira diferente. Antes era considerado senso comum se educar pela coação e pelo castigo; era comum, tanto por parte dos pais, como dos professores exigir uma certa disciplina, de educar como um valor moral. Ou seja, o autoritarismo e não a autoridade prevalecia na educação, tanto no lar quanto no ambiente escolar. Atualmente esta ideologia não está posta de maneira diferente.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que minimiza, que manda que "ele se ponha em seu lugar" ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exige do cumprimento de seu dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 1996, p. 35).

A diferença está no sentido de que a violência é posta de uma forma mascarada, velada, como por exemplo, a violência que eu chamo de “preconceituosa ideológica\ cultural”, na qual o professor atua de maneira discriminatória tanto ao lidar com um determinado aluno ou ao abordar determinado conteúdo em sua disciplina, causando isolamentos, individuais ou mesmo coletivos dentro da sala de aula. Assim, questiono: como tem sido o tratamento dados às diferentes contribuições culturais existentes na sociedade? Como são tratadas dentro das escolas as questões étnico-raciais, homossexuais; questões relacionadas às mulheres, aos velhos, aos portadores de necessidades especiais? São questões que precisamos fazer para darmos continuidade à discussão, mesmo que não tenhamos respostas imediatas. Não basta reconhecer a diferença, é preciso estabelecer uma nova relação, a inter-relação entre pessoas de culturas diferentes para justamente permitir um entendimento recíproco, de tal forma que essa relação implique um desafio a reelaboração de cada um (MOREIRA, 2002).

Eu sempre gostei de estudar. Meu sonho era fazer medicina. Infelizmente na época, as mulheres eram restritas as tarefas de casa (Clara Cherker Gorender – bisavó paterna de minha filha).

Dentro dessa realidade de não ter estudado, podemos perceber que ainda há marcas inseridas no contexto histórico em que as pessoas não letradas eram e ainda são consideradas sem cultura. Percebemos que essas pessoas se sentem inferiorizadas na sociedade por acharem que não possuem saber, como se o saber estivesse restrito somente aos que freqüentam a escola. Jesus (2004) traz ao diálogo a fala de um tradicionalista africano que nos ajuda a compreender melhor como nossa sociedade desvaloriza e nega a sabedoria de quem não freqüentou os bancos escolares e utiliza a oralidade em vez da escrita:

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente (BÂ, apud JESUS, 2004, p. 71).

Ou seja, na sociedade de Tradição Oral Africana, em que a oralidade é uma dominante, pois não se limita a mero elemento de comunicação, mas tem importância fundamental na perpetuação da memória, na transmissão dos conhecimentos em comunidade, são os sujeitos valorizados por seus saberes compartilhados pela experiência (JESUS, 2004).

Numa sociedade que valoriza apenas o conhecimento letrado, veiculado pela escola, ao mesmo tempo em que não oferece meios de acesso a todos os cidadãos, exclui muitos de uma cidadania plena. Até porque dentro de uma sociedade excludente, o saber do aluno torna-se diferente do saber da escola e dentro deste contexto é que observamos o desânimo dos alunos repetentes em retomarem os estudos, tornando-se um dos causadores em ainda haver um alto índice de evasão escolar.

Mas, voltando à história de Dona Clara, ela é uma pessoa que se interessa pelos estudos, lê todos os dias, procura estar “atenada” com as questões atuais, assiste canais educativos, enfim busca aperfeiçoar e explorar cada vez mais seu aprendizado intelectual. Sempre conviveu com pessoas estudiosas, intelectuais. Seu cunhado, Jacob Gorender, é um dos principais escritores e historiadores do Brasil, e Clara comenta que sempre gostou de bater um papo e trocar conhecimentos. Além de possuir grandes habilidades na gastronomia e corte e costura.

Já, a minha mãe conta que os pais estudaram até a quarta série primária. Diz que seu pai se interessava muito por política, via seu pai, desde pequena, escrever para os presidentes (Juscelino, Getúlio...) com um sonho de viver em um país melhor. Apesar de

sempre obrigar os filhos a fazerem cópias de texto, tabuadas, ler a bíblia etc., entre os seus quatorze filhos, somente três tiveram a oportunidade de fazer um curso superior.

A intenção proposta aqui, não é de fazer uma comparação entre quem tem acesso aos bens culturais considerados próprios de uma sociedade letrada e quem não dispõe desses bens, mas sim, de defender que os processos psicológicos e os costumes estão atrelados ao modo de vida, às crenças, aos contextos culturais, entre outros que marcam e constituem cada sujeito no decorrer de sua vida. Nascido com as características de sua espécie, cada indivíduo humano percorre o caminho da ontogênese informando e alimentando pelos artefatos concretos e simbólicos, pelas formas de significação, pelas visões de mundo fornecidas pelo grupo cultural em que se encontra inserido (OLIVEIRA, 1999).

Independentemente das diferenças culturais desses indivíduos, ambos os conhecimentos, adquiridos no decorrer da vida, são valiosos e importantes. Mas a distinção dessas habilidades, dos conhecimentos, varia de acordo com a construção e de interesse que cada indivíduo busca ao longo da sua trajetória de vida. Oliveira (1997) afirma que:

...O curso de desenvolvimento suposto na pertinência à espécie e na maturação individual só será realizado por meio de inserção no mundo da cultura, o que elimina qualquer possibilidade de consideração de alguma modalidade genética como fonte primordial de formação de psiquismo. Isto é, sejam os seres humanos diferentes ou não na origem, o que importa para compreensão de seu psiquismo é o processo de geração de singularidade ao longo de sua história. E continua: a ação individual, com base na singularidade dos processos de desenvolvimento de cada sujeito, consiste em constante recriação da cultura e negociação interpessoal...(pág. 56-57).

Ou seja, acredito que a marca dessas diferenças esteja relacionada à forma de construção desses conhecimentos, dos estímulos dados a esses indivíduos, do grupo social em que estão e foram inseridos, do interesse em busca do aprendizado, dentre outros aspectos que distinguem formação cultural de um indivíduo para o outro. Por exemplo: enquanto Dona Clara, diariamente, costuma ler livros de aventuras e romances e costuma assistir programas culturais; Vitória costuma ler notícias de jornais, às vezes lê trechos de livros que lhe interessam (de Botânica, por exemplo), se interessa por receitas e tem o costume de assistir novelas e telejornais. O que eu pretendo salientar aqui é a importância das diferentes habilidades, dos diferentes conhecimentos por parte de quem tem acesso a diferentes estruturas textuais, a maneira pela qual se informa e como pode se formar como leitor.

Ao caminhar ou passear com minha mãe, dificilmente vemos alguma planta que ela não conheça o nome, até mesmo aquelas plantas que não são muito comuns. Sabe muito

bem lidar com ervas, acontecimentos da vida, dá bons conselhos e conhece diferentes culturas e diferentes lugares do Brasil (antes de ter filhos, viajava bastante, para diferentes regiões do Brasil). Geralmente lê o que lhe interessa e o que gosta, porém não tem o costume de ler livros literários como Dona Clara. Comparando o modo de escrita de minha mãe Vitória e de Dona Clara, posso dizer que esta escreve com mais correção que minha mãe. O que comprova o quanto o processo de leitura contínua auxilia no processo da escrita.

O curioso é que entre Dona Clara, minha mãe Vitória, a aluna Maria da Glória, Senhor Antonio Carlos, dentre outras pessoas já citadas nesta pesquisa, se forem pensados como um grupo, ao mesmo tempo em que há uma heterogeneidade no sentido de serem pessoas diferentes, com características diferenciadas, histórias de vida diferenciadas, ou seja, uma diferença envolvendo a bagagem cultural que cada um possui, ao mesmo tempo, há uma homogeneidade em relação à realidade vivida, de serem excluídos da escola, de serem pouco escolarizados, de serem inseridos ou não num mundo de trabalho (aposentados), com baixa remuneração e pertencentes às classes populares.

E é dentro desta heterogeneidade que a escola deve cumprir o seu papel, de estimular o aprendizado, abordar e trabalhar com conteúdos e atividades de forma diferenciadas e procurar aperfeiçoar diferentes habilidades dentro desta heterogeneidade.

A intervenção educativa teria que atuar sobre os indivíduos necessariamente diversos, no sentido de lhes dar acesso aquela modalidade particular de relação entre sujeitos e objeto de conhecimento que é própria da escola, promovendo transformações específicas no seu percurso de desenvolvimento (OLIVEIRA, 1997, pág. 60-61).

Diferentemente de considerar isso como um obstáculo, deve-se considerar os diferentes saberes, trabalhar a partir deles, para assim promover uma troca de conhecimentos e saberes entre todos envolvidos professor /alunos, enfim promover o diálogo e o encontro dessas singularidades em função de todos.

Expectativas em relação ao curso

Que espera aprender a parte do estudo, além de fazer amizades, aprender coisas novas, novos conhecimentos, para quando chegar hoje ou amanhã eu chegar um dia lá. Vou ver, vou me formar, para me defender um pouquinho cada dia, uma letra hoje, uma outra amanhã assim você já dá para chegar (Senhor Jorge Saldanha).

Para ser alguém! (Walmir de Souza, turma D).

Através de algumas entrevistas e pelo que era observado em sala de aula, acredito que a maior parte dos alunos do Invest, pretendiam conseguir o diploma, até porque, com o diploma haveria um reajuste salarial. Mas não creio que isto fosse o maior objetivo, pois o maior objetivo era se alcançar novos aprendizados, se comunicarem melhor, aperfeiçoar a escrita, dentre outros. Além de tudo, dar continuação aos estudos, obterem conhecimentos, interagirem com outras pessoas, fazerem amizades, estarem atualizados e principalmente retomarem um sonho ou um direito que lhe foi negado em um determinado período de vida.

Quando o senhor Jorge Saldanha diz: *para me defender um pouquinho cada dia* ou quando a Walmir diz: *para ser alguém*, acredito que eles enfatizem a importância de escrever bem, de saber argumentar, interpretar, obter maiores informações e conhecimentos. Porque assim, eles podem utilizar-se de meios, de estratégias que não os deixem “cair em armadilhas”, passando por situações difíceis. É muito comum, atualmente, haver estabelecimentos tais como financeiras, prometendo mundos e fundos aos idosos, em que estes têm facilidade no empréstimo, mas por falta de conhecimento, pagam altos juros, sendo descontados na folha de pagamento. Assim, para o seu Jorge Saldanha, se ele aprender “estes tipos de conta”, cálculos de juros, por exemplo, se souber dominar melhor a leitura e escrita, não cairá mais nesses tão famosos “contos do vigário”.

Embora ambos os alunos citados acima e os demais alunos do InvestUERJ sejam alfabetizados, nem todos conseguem fazer o uso freqüente e competente da leitura e da escrita. Aliás, esse é um problema real entre muitos brasileiros, que, embora dizendo-se “alfabetizados”, não dominam habilidades de leitura e de escrita necessárias para uma participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita, o que dificulta a sua inserção no mundo social e no mundo do trabalho. Apresentam dificuldades em interpretar um texto mais complexo, preencher formulários, ler e interpretar contratos, dentre outros usos da língua.

Para isso, professores, sejam de classes de alfabetização ou das demais séries, percebo que precisam procurar cada vez mais interagir com os alunos a respeito de mapear as reais dificuldades e trabalhar da melhor maneira para a superação delas. Trabalhar independentemente da disciplina lecionada, com diferentes formas de leitura e de escrita. Trazer para sala de aula diferentes estruturas textuais, tais como: jornais, revistas, bulas de remédio, textos retirados da internet, dentre outros. E, principalmente, trabalhar no sentido de buscar a compreensão e interpretação desses diferentes textos.

O aluno precisa saber fazer uso e envolver-se nas atividades de leitura e escrita. Ou seja, para entrar nesse universo do letramento, ele precisa apropriar-se do hábito de buscar um jornal para ler, de freqüentar revistarias, livrarias, e com esse convívio efetivo com a leitura, apropriar-se do sistema de escrita. É preciso compreender, inserir-se, avaliar, apreciar a escrita e a leitura (SOARES, 2003, pág. 3)¹⁷.

Acredito que através desses diferentes textos trabalhados em sala de aula, possibilitando o diálogo de toda turma em relação aos grandes temas que surgem, com a mediação do professor no sentido de provocar reflexões, uma mudança significativa poderá ocorrer, favorecendo a compreensão das estruturas textuais e possibilitando seu uso de forma adequada e com sentido. Ao compreender a função da leitura e da escrita, o aluno vai compreender, também, a importância de escrever e ler corretamente, no sentido da argumentação a favor de um propósito. Assim, abrem-se possibilidades para que os alunos percebam os prazeres pessoais e intelectuais que a leitura pode proporcionar: Ler para aprender/compreender: textos literários, filosóficos, matemáticos, científicos etc; ler para pesquisar; ler para viajar; ler para sonhar; ler por lazer; ler para diversificar e explorar outras realidades possíveis, enfim, ler: pois como nos lembra Paulo Freire: *todo homem tem a capacidade de aprender. Todo homem deve ser sujeito crítico.*

Essa percepção da importância de ler e refletir sobre a leitura, deve partir principalmente dos educadores, que têm o importante papel de instigar e desafiar a curiosidade e o espírito crítico. Pois não devemos ser passivos em relação ao que é posto em nossa sociedade. É preciso procurar ser reflexivo, o que é muito diferente de ser “reflexo”.

Buscar ler o dito e o interdito, o que está nas linhas e nas entrelinhas, pois a educação, principalmente nesta modalidade de ensino – Educação de Jovens e Adultos, não pode deixar de ter uma visão política, crítica da realidade: *não adianta simplesmente letrar quem não tem o que ler nem o que escrever. Precisamos dar as possibilidades de letramento. Isso é importante, inclusive, para a criação do sentimento de cidadania nos alunos (SOARES, 2003, pág. 3)¹⁸.*

Portanto é preciso compreender a funcionalidade da língua escrita, pois é assim que o cidadão torna-se mais atuante, participativo e autônomo, de forma significativa na sociedade na qual este está inserido. O importante é que não só o educador, como a própria

¹⁷ Publicado no jornal Diário do Grande ABC em 29 de agosto de 2003, onde na reportagem, a professora Magda Becker Soares, que fala sobre as diferenças entre letramento e alfabetização. www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf?PHPSESSID

¹⁸ Idem a nota anterior.

instituição proporcione e incentive projetos de leitura, cidadania. Investida na estrutura da biblioteca, nas salas de informática, enfim, abrindo maiores oportunidades, não só dentro do ambiente escolar como fora dele, propondo visitas a bibliotecas, exposições, ambientes culturais e espaços científicos, dentre outras atividades que despertem nos alunos o desejo de aprender.

Os estímulos externos para retomar os estudos

Tive incentivo da minha chefia (Jorge Pereira, turma D).

Tive incentivo da minha colega de serviço, ela fez aqui, gostou e me chamou para vir para aqui. Essa minha amiga é a Maria da Glória (colega de trabalho e colega de turma) e agora ela está se formando junto comigo (Maria de Fátima, turma D).

Tive incentivo do pessoal do trabalho. Eles me incentivaram, falavam que iam me ajudar, meu chefe que na época era o Marcio, ele liberava a saída mais cedo para eu vir estudar (Walmir dos Santos, turma D).

Recentemente, vendo uma reportagem no Jornal Hoje, da TV Globo, foi dito que, estatisticamente, houve um aumento de número de divórcios entre pessoas idosas ou pessoas com mais idade. A explicação seria pelo fato de que, a cada ano que passa, a expectativa de vida das pessoas tem aumentado. Hoje, nos deparamos com pessoas já aposentadas voltando ao mercado de trabalho em busca de experiências novas, de ganharem um pouco melhor (tendo em vista o baixo valor das aposentadorias) e também por haver essa necessidade de vida, de se sentirem ativos.

Então, ao entrevistar esses alunos, percebia a expectativa que ambos tinham do curso, de conhecer pessoas novas, interagirem, conhecerem lugares novos. E no Invest era assim, apesar de ser um “supletivo”, sempre eram propostos passeios, festas, trabalhos culturais, tais como saraus, atividades pedagógicas, entre outros que se diferenciavam de outros programas suplência. Digo isto, pois a maioria destes cursos é oferecida de forma aligeirada, não se preocupando em promover os alunos em todos os sentidos.

Histórica e socialmente o Brasil traz em suas raízes uma dívida social com os indivíduos que não tiveram acesso à escolarização e nem ao menos ao domínio da leitura e da escrita. Esta realidade resulta no caráter subalterno atribuído pelas elites dirigentes à educação escolar de negros escravizados, índios reduzidos, caboclos, migrantes e

trabalhadores braçais, além de haver obstáculos às mulheres à cultura letrada por parte da tradição patriarcal e machista por um longo período de tempo, fato que até hoje traz conseqüências em função desta realidade histórica de exclusão de alguns (CURY, 2000).

Para “pagar a dívida” a essa população e também por haver uma emergência no sentido de minimizar o grande número de analfabetos espalhados por todo território nacional, os governos junto aos sistemas de ensino se mobilizaram para desenvolver um atendimento a essas pessoas e transformar esta realidade. Como já havia comentado anteriormente, o governo estabeleceu uma meta com o objetivo de “erradicar” o analfabetismo no Brasil até 2011. Para isso, diversos programas, tanto para Jovens e Adultos, como também para os adolescentes e jovens, que se apresentam no meio escolar com distorção idade/ série. Esta Lei propõe que esses alunos possam cursar mais de uma série em um só ano – são Classes de Aceleração. A Educação de Jovens e Adultos, é uma categoria diferenciada que deve abranger um modelo pedagógico próprio, com finalidades que atendam a um tipo diversificado de público e com funções específicas, não podendo ser confundida com as Classes de Aceleração, fato que tem ocorrido por vezes.

Jamil Cury aponta no documento de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação na Educação Básica (parecer11/2000) como principais funções da EJA: a *função Reparadora*, que entendo ser o primeiro passo das políticas públicas voltadas à EJA no sentido de restaurar um direito negado (direito à escolarização, direito à qualidade de ensino e de oportunidade e acesso aos bens culturais; a *função Equalizadora* trata de proporcionar aos jovens adultos, não só o ingresso na escolarização, mas também meios de mantê-los na escola, no sentido de dar maiores oportunidades, buscando o desenvolvimento de novas habilidades, trocas de conhecimentos/ experiências dentro ou fora do ambiente escolar a fim de restabelecer possibilidades de inserção no mundo do trabalho, a esses excluídos; e por fim o teórico coloca como tarefa, a função *Qualificadora*, que enfatiza não só a permanência do aluno na escola, mas que oportunize a continuidade ao longo da vida, pois segundo ele: *o potencial humano sempre esteve o poder de se qualificar, se requalificar e descobrir novos campos de atuação como realização de si* (p.5). Ou seja, o conhecimento não é finito, a cada nova busca, conhecemos algo novo, nos qualificamos e requalificamos, descobrindo novos aprendizados e despertando novas curiosidades.

Assim, dentro do seu programa metodológico curricular, o InvestUERJ busca atender essas funções apontadas por Cury (2000). E, por seu caráter, o Projeto foi muito divulgado entre os próprios trabalhadores da UERJ. Por exemplo: um aluno já matriculado, incentivava o colega de trabalho ou de setor a também voltar a estudar. Muitos dos alunos me

contaram que entraram no Invest assim, através de boas recomendações demonstrando isto nas narrativas.

Para os alunos que trabalhavam no segundo turno, que correspondia também ao horário do curso, à tarde, havia uma dispensa temporária para terem a oportunidade de continuar os estudos, portanto mais uma forma de incentivar esses alunos a estudarem. O que demonstra um diferencial no sentido de haver a preocupação em manter a permanência dos alunos no projeto. Por mais que tenham pensado sobre essa questão do oferecimento de horários para a educação de jovens e adultos, ainda são poucas as instituições ou os programas que oferecem um horário diversificado no sentido de atender demandas específicas. Na maioria das vezes esta modalidade é oferecida em horários noturnos e, em pouquíssimos casos, à tarde. Acredito que esse debate envolva muitos conflitos e embates, pois dificilmente alguns setores de trabalho possibilitam que os trabalhadores sejam dispensados mais cedo para terem a oportunidade de continuar os estudos. Para “controle” desses horários, o boletim constava de nota e frequência. A cada bimestre as notas eram divulgadas, o boletim deveria ser levado e voltar assinado pela chefia. E, os que abandonavam o projeto recebiam avisos nos setores correspondentes.

A EJA, é uma área que permanece em construção, em uma constante interrogação... Essas políticas precisam ser construídas, e será preciso muita iniciativa e capacidade criativa para fazermos. Isso vai exigir muita iniciativa e capacidade para criativa para fazermos (SOARES, 2006, p.18).

Portanto, acredito que deva haver uma preocupação maior por parte de todos os envolvidos em educação, mas também de haver uma cooperação por parte das instituições e setores organizados e principalmente do governo, em estarem abertos a novas propostas, novas idéias que de fato, viabilizem o sucesso das políticas públicas voltadas à EJA, facilitando o ingresso, a permanência desses estudantes na escola e o incentivo e proporcionar oportunidades para educação continuada longo da vida.

Opinião sobre o INVESTUERJ – O curso e o percurso: tempo-espaço escolar – constatações e sugestões

Foi muito satisfatório. Foi o suficiente para fazer um vestibular aí. A sugestão que eu tenho é que o Invest se expanda para a comunidade, entendeu? Não só para funcionários, para técnicos administrativos da UERJ, mas para quem trabalha dentro da UERJ, o pessoal da faxina, as cantinas, os

contratados. Porque o pessoal da faxina é terceirizado, mas o tempo todo deles estão aqui dentro da UERJ (Admilson Luiz, turma D).

É pela quantidade de pessoas eu acho suficiente. Agora se tivesse mais gente, seria pequeno. Como as pessoas do Estado estão se aposentando... É isso mesmo. Estou muito satisfeito com o InvestUERJ. Não tenho nenhuma reclamação sobre o Invest. Pena que vai acabar podia continuar para outras pessoas, para comunidade. Para comunidade eu até acho que não caberia não, porque o espaço é pequeno (Carlos Teixeira, turma C).

Todos os alunos que participaram da pesquisa afirmaram estarem satisfeitos com o projeto InvestUERJ. Considero que tal fato deva-se à qualidade do ensino estar associada à seriedade dos que estão ali envolvidos com a proposta do projeto, realizando o trabalho com dedicação, partindo das coordenadoras que buscam, cada vez mais, inovar dentro das propostas, proporcionando novas habilidades e oportunidades para os graduandos de pedagogia e dando suporte ao trabalho desenvolvido. Os bolsistas-professores, por sua vez, ao ingressarem no Projeto, compartilham das idéias propostas e podem realizar o trabalho com autonomia:

A rigor, as unidades educacionais da EJA devem construir, em suas atividades, sua identidade como expressão de uma cultura própria que considere as necessidades de seus alunos e seja incentivadora das potencialidades dos que as procuram. Tais unidades educacionais da EJA devem promover a autonomia do jovem e adulto de modo que eles sejam sujeitos do aprender a aprender em níveis crescentes de apropriação do mundo do fazer, do conhecer, do agir e do conviver (CURY, 2000, p.8).

É perceptível no Invest, a iniciativa em promover uma educação de qualidade, envolvendo alunos e bolsistas. Percebo assim, o quanto as coordenadoras, através das reuniões realizadas, oportunizam a discussão acerca das práticas pedagógicas envolvendo a EJA e buscando possibilidades de melhor atender o grupo de alunos. Além de entender, o quanto é importante haver em uma instituição escolar, gestores que estejam principalmente focados na articulação de uma discussão coletiva pedagógica, no sentido de apoiar e colaborar com a prática e o exercício docente. Diferentemente de haver essa visão tradicional e tão comum que é de pensar a gestão como um controle burocrático ou como uma maneira muito funcionalista, que, além de desmotivar os que estão inseridos na equipe de trabalho, ainda se perde a oportunidade de flexibilizar e trabalhar com novas propostas.

Eu, que acompanhei o último período do projeto, em que o número de alunos e bolsistas era bem reduzido, ainda assim percebi um grande entusiasmo por parte das coordenadoras. Podemos perceber na fala dos alunos que todos ficam tristes por verem um projeto tão produtivo acabar. Um projeto de qualidade, que proporcionou muitos benefícios para muitas pessoas que ali passaram. Acredito que a intenção de todos era não só continuar, mas expandir o Projeto, para além do atendimento aos servidores da UERJ, mas de abrindo à comunidade. Assim, Cury (2000), ao falar sobre a função qualificadora da EJA nos ajuda a expressar o sentido do Curso: *Mais do que nunca, ela é um apelo para a educação permanente e criação de uma educação voltada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e a diversidade* (p.5).

E era exatamente essa perspectiva, esse olhar que as coordenadoras lançavam para o projeto: o de proporcionar uma educação de qualidade, o de gerar novas oportunidades não só aos alunos do Invest, mas também para os bolsistas que dele participavam e principalmente em incentivar a educação permanente daqueles alunos, mostrando que tinham o direito e eram capazes de ir mais longe. Neste sentido, ao ficarem sabendo (Maria Christina e Licia Guedes) que não seria mais oferecido Ensino Médio para os jovens e adultos servidores da UERJ, elas pensaram em elaborar um projeto para oferecer pré-vestibular. O InvestUERJ deixaria de ser um projeto a oferecer o Ensino Médio, tornando um espaço para pré-vestibular. Para isso, foram feitos e mobilizados documentos com uma nova proposta, a fim de propor uma educação continuada aos alunos que ali se formassem com intuito de incentivá-los a darem continuidade aos estudos, possibilitando o ingresso numa universidade. Além de continuar sendo um espaço dentro da UERJ que possibilite estágio de iniciação à docência aos alunos de licenciatura. Porém esse projeto não vingou.

Pelos documentos já estava tudo certo e aprovado pelo Reitor, havendo até uma programação elaborada para estabelecer como seria feito o processo seletivo para os bolsistas que tivessem o interesse de participar, havendo até uma programação elaborada para estabelecer como seria feito o processo seletivo para os bolsistas que tivessem o interesse de participar. Por questões que não tive acesso, sendo bolsista, após a eleição para novo reitor, o projeto foi desaprovado, alegando-se, apenas, a falta de verba para sustentar o mesmo. No entanto, como já é de praxe nas políticas públicas, quando se muda uma gestão, mudam-se, também, os projetos, não se levando em conta as verdadeiras demandas por parte da sociedade e da comunidade escolar. Assim, acredito que, por questões políticas, o trabalho do Projeto não teve sua continuidade. O que, sob meu ponto de vista, é um prejuízo a muitos,

pois projetos educacionais como este, poderiam ser expandidos, servindo de exemplo a outros espaços educacionais.

Mesmo não sendo mais bolsista do InvestUERJ, fui algumas vezes visitar e fazer parte das reuniões pedagógicas como fazia cotidianamente. Os alunos da turma D completaram os estudos, porém ainda não houve formatura. Os alunos da turma C, ingressaram para etapa D. Houve o ingresso de um novo aluno para a turma e os outros, (Ana, Antonio Carlos, Carlinho, Jorge Saldanha e Rosangela) continuaram. Como é de praxe, houve a entrada de novos bolsistas com a saída dos antigos e eu fiz parte deste grupo.

Conclusão - Uma jornada sem fim

*Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão,
Eu ponho fé na fé da moçada,
Que não foge da fera e enfrenta o leão*

*Eu vou a luta com essa juventude
Que não foge da raia a troco de nada*

*Eu vou ao bloco dessa mocidade
Que não ta na saudade e constrói
A manhã desejada (Gonzaguinha).*

Para além de apresentar uma conclusão definitiva, considerada como fruto de um estudo que se esgotou, esta possível conclusão propõe-se apresentar questões, levantamentos que fomentem reflexões. Reflexões que almejam se tornarem propostas de melhor co-construirmos práticas pedagógicas que atendam aos interesses específicos dos sujeitos jovens e adultos da EJA. Aliás, os levantamentos parciais e provisórios aqui apresentados nem poderiam ter a pretensão de apresentarem-se como dados conclusivos, mesmo por que, em se tratando da modalidade EJA, que se coloca como um desafio e se encontra em construção em relação a algumas questões apontadas nesta pesquisa, faz-se necessário manter o diálogo no sentido de que essas questões não podem se calar, mas urgem buscar caminhos, possibilidades, para que a EJA não perca suas características originais, de ser um espaço emancipatório e transformador.

Tendo em vista o objetivo neste trabalho monográfico, que é de trazer ao diálogo as vozes dos sujeitos que compartilharam experiências durante minha trajetória no Projeto InvestUERJ e minha própria práxis cotidiana, a fim de melhor co-construirmos práticas pedagógicas que atendam às especificidades dos sujeitos da EJA, posso concluir, ainda que provisoriamente que participar do InvestUERJ, foi de grande importância para minha vida pessoal e construção profissional. Conhecer aquelas pessoas: alunos, bolsistas, coordenadoras, dentre outros que interagiram, diretamente e indiretamente no Projeto, fizeram-me enxergar o sentido de estar me formando em Pedagogia, fizeram-me pensar que minha escolha não fora em vão: era isso que eu queria/ quero para minha vida!

Antes de entrar no Projeto, tinha uma idéia muito vaga sobre o campo da educação. Em conversas informais com colegas de sala de aula, que atuavam na área, sempre percebia um discurso de desânimo em relação à educação, ao salário, às dificuldades. Até mesmo quando conversávamos com professores (quando fazíamos Estágio Supervisionado

nas escolas gonçalenses), o discurso se mantinha. Mas ao entrar no Invest, me deparei com uma realidade diferenciada. Uma equipe pequena, mas *que não foge da fera e enfrenta o leão*, mesmo se deparando com tantas dificuldades. Que trabalhava com alegria e entusiasmo, animadas pelas coordenadoras que nos contagiavam como bolsistas e, conseqüentemente, mobilizavam os alunos. Na época que ingressei no Projeto, a bolsa que recebia só dava para manter a passagem, mas mesmo assim, eu percebia em todos os bolsistas uma satisfação por atuar no Projeto. É claro que não quero aqui defender o magistério como “doação” e muito poderia ser dito no sentido de não perdermos a indignação diante das mazelas pelas quais passa a educação e, conseqüentemente, seus profissionais; no sentido de não perdermos a possibilidade de termos um “pensar crítico”, como nos ensina o mestre Paulo Freire. Mas, considero importante deixar claro como foi/ é mobilizador o trabalho com jovens e adultos, e isso se reflete na narrativa do bolsista Cristiano, quando diz que *tem sido muito proveitoso, agradável... eu gosto de trabalhar aqui*. E da bolsista Glauciene: *eu acho que o trabalho aqui é muito bem planejado, eu vou ficar mal acostumada quando terminar*.

Tive sorte por ter tido a minha primeira iniciação à docência dentro do InvestUERJ, porque considero ter ingressado no magistério de uma forma diferenciada, tendo em vista que, geralmente, as instituições escolares, subordinadas às Secretarias de Educação, mostram-se mais preocupadas com o “fazer”, com o controle, com as formalidades em relação ao que ali trabalham, não abrindo espaço para o questionamento, para os imprevistos, para coisas novas.

Assim, quando a escola só se preocupa com o fazer formal, com um caráter conservador, ela se torna ineficiente na obtenção dos objetivos educacionais (de transformação social), além disso, torna os professores desmotivados, alienados, impotentes diante das dificuldades que surgem no campo escolar. *Assim, as professoras, como o alunos repetentes, passam então a ser culpabilizadas como alienadas e incompetentes* (ESTEBAN e ZACCUR, 2002, p. 13) e, qualquer falha na educação desses alunos, é sempre culpa dos professores, como se todos tivessem que estar prontos, como se ensinar fosse uma “receita de bolo” e como se a gestão escolar não fizesse parte de um todo no meio educativo. Se por um lado, os professores são culpabilizados pelo fracasso da educação brasileira, por outro, os alunos, principalmente os jovens e adultos, já marginalizados, se culpabilizam por abandonarem os estudos e por não terem concluído sua escolaridade na idade considerada certa. Podemos constatar isso por meio das entrevistas com os alunos, pois ao perguntar o porquê de terem interrompido os estudos, respondiam: *Eu estudei, mas naquela época eu acomodei... Por acomodação*.

Essa fala foi e é muito recorrente entre os sujeitos da EJA. Além da auto-culpabilização por sua própria exclusão, ainda há outras questões que envolvem estes sujeitos e fazem parte dos discursos. Questões relativas à dificuldade na aprendizagem, também é muito comum nos discursos dos alunos. Considero que a maior dificuldade de aprendizado dos alunos esteja ligada ao medo da incapacidade de aprender, ao sentimento de impotência, vergonha de perguntar e de assumir que não compreende certos conteúdos escolares, que muito se distanciam de suas realidades.

Assim, a narrativa do bolsista (de Química) Cristiano, vem confirmar o dito anteriormente:

Com o Jorge Saldanha é meio difícil por que ele também tem vergonha de dizer que não entendeu. Eu faço com que os outros alunos tentem ajudá-lo, eles tentam se ajudar, entre eles as coisas ficam mais fáceis, comigo acho que ele fica mais retraído, quando eu volto no assunto ele diz que entendeu mais é aquele entendeu “meio assim” duvidoso. Eu tento estabelecer um intercambio entre eles fazendo com que eles se ajudem justamente para quebrar esta barreira.

Percebemos que o bolsista compreendeu a dificuldade do aluno e encontrou uma maneira de superá-la, oportunizando um trabalho coletivo, interativo em sala de aula a fim de facilitar o entendimento dos conteúdos. A reflexão sobre a prática, sobre o fazer cotidiano, quando a preocupação não está voltada para quem ensina e o que ensina, mas para quem aprende e como aprende, pode ser uma das chaves para ações transformadoras.

Neste sentido, reafirmo a importância de ter participado do InvestUERJ, de ter podido investigar mais junto a meus pares e alunos, pois participei de um projeto em que há a valorização do profissional, em que seus representantes trabalham com parcerias, onde todos demonstram a preocupação de construir uma educação de qualidade e igualitária para todos os envolvidos. Assim, os alunos sentiam isso, e saíram dali satisfeitos, não só por terem concluído o Ensino Médio, mas por terem feito parte do InvestUERJ: *Gostaria agradecer a oportunidade de eu ter terminado o 2º grau* (Vanger José Alves, aluno da turma D).

Esta e outras falas vêm ao encontro do que afirmei anteriormente:

Foi uma coisa muito boa, principalmente os passeios. Foi uma coisa muito boa, que levar a gente para conhecer lugares, que embora você esteja aqui você não está vendo o que a escola pública não te traz, muito menos as particulares também, não traz nada disso. O espaço é maravilhoso e não tem nada que você não conhece. Não tenho que dizer, reclamar nada de ninguém daqui, não tem os que eu gostei mais ou que eu gostei menos, para mim todos são iguais. Para mim tudo foi

maravilhoso esses dois anos, eu já estou sentindo falta deles e daqui (Maria de Fátima, aluna da turma D).

É muito importante que esse projeto continue tendo a sua importância (José Antonio de Oliveira, aluno da turma D).

Assim, ao atuar no InvestUERJ, fui percebendo o quanto me colocava como professora-pesquisadora e ia investigando meu próprio cotidiano de trabalho. Minha própria prática era a base da qual surgiam questionamentos e, para compreendê-la era ajudada pelas teorias, muitas vezes, já vistas na graduação. Ou seja, encontrava certo suporte para desenvolver meu trabalho. Ao participar das reuniões pedagógicas no Invest, os referenciais teóricos já conhecidos iam se complementando para ajudar-me a superar os desafios da prática, o emaranhado de situações que eu precisava resolver em sala de aula.

Os alunos também eram muito abertos e também eram ouvidos, tinham voz ativa dentro do Projeto, assim ficava mais fácil compreendê-los e poder levar para sala de aula o que queriam e o que precisavam. Quando a instituição não dá abertura para que ocorram esses acontecimentos, fica difícil interagir, construir e estudar para ressignificar o cotidiano escolar. Acredito que as dúvidas, os questionamentos em qualquer área nunca devem cessar, pois com cada resposta encontrada, novas perguntas surgem, pois o conhecimento nunca está pronto. Há sempre o que refletir, o que se criar. É preciso utilizar-se dessa reflexão sobre a prática *de hoje, de ontem que se pode melhorar na próxima prática*. (FREIRE, 1996, p.39). E, ainda, possibilitando perceber que *prácticateoriaprática* são indissociáveis no *quefazer* em sala de aula. Um “*fazer pensando*”, que contribui para um processo de construção de conhecimento mais significativa.

No dizer de Thompson (1992) ao trabalharmos com as narrativas dos sujeitos cotidianos *a história passa a ser mais democrática*. Considero que isso se dê porque passamos a reconhecer suas dificuldades e deixamos de ter aquela visão superior sobre os alunos. Percebemos que é importante trazer um contexto histórico e social para a sala de aula no sentido de entender a realidade na qual vivem/ convivem. Passamos a entender o porquê da ideologia dominante impor “modelos” de vida, de costumes, que conseqüentemente geram preconceitos, exclusão que oprimem os sujeitos com os quais trabalhamos na EJA e inúmeros outros grupos sociais na sociedade brasileira.

Por isso digo que essa pesquisa não pode se dar por concluída, pois apesar de apontar caminhos que podemos buscar para solucionar algumas dificuldades, existem fatos que estão para além da nossa vontade ou “força de vontade”, pois fazem parte de um contexto educacional que, historicamente, tem relegado um lugar marginal à Educação de Jovens e

Adultos e, muitas práticas pedagógicas voltadas a essa modalidade de ensino são retrógradas e não potencializam os sujeitos que aí se inserem.

Lembrando aqui, que não tenho a pretensão de generalizar que todas as práticas e teorias pedagógicas da tendência educacional tradicional não contribuem em nada para educação. Porém acredito que os saberes tendem a se evoluir. Geralmente temos uma tendência a ver o novo, como ruptura, que deve apagar o “velho”. *Se levarmos em conta que numa mudança ocorrem rupturas, mas também há continuidades, nos fortaleceremos para receber o “novo” sem abrir mão de uma bagagem construída* (JESUS, 1998, p.188).

Acredito que precisamos buscar práticas e metodologias que melhor contribuam com a formação e transformação da realidade de nossos alunos, atendendo-os em suas especificidades e acompanhando e atendendo as necessidades da sociedade contemporânea, proporcionando uma educação igualitária e democrática.

Desta forma, é preciso ter com convicção que não estive ali (estagiando no InvestUERJ) só para ensinar, mas também para aprender, ganhar com a experiência da prática pedagógica e refletir a partir desta experiência.

É assim que pretendo terminar esta *in-conclusão* da pesquisa, tendo a “certeza” do quanto este estágio foi importante para dar um sentido maior à minha vida pessoal e profissional e que os caminhos de incertezas e possibilidades que foram construídos, vão ser desconstruídos, (re)construídos e desconstruídos novamente em toda minha trajetória de vida diante de novos desafios que irão surgindo. Mas ciente do meu papel com professora-pesquisadora, cidadã-pesquisadora, sempre questionador, reflexivo, em todas as áreas da nossa vida.

Por isso, como Gonzaguinha, eu posso dizer, quem sabe, cantar:

*Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé na fé da moçada,
que não foge da fera e enfrenta o leão...
E apesar dos pesares ainda se orgulha de ser brasileiro.*

Referências Bibliográficas

- CURY, Carlos Roberto Jamil. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica CEB. Processo nº 23001.000040/2000-55, parecer11/2000, DF.
- DAYRELL, Juarez. A Escola como Espaço Sócio-Cultural. In: _____. (org.) 2001. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed UFMG.
- ESTEBAN, Maria Teresa, ZACCUR, Edwiges. *Pesquisa como eixo de formação docente*. In: _____. (orgs.). (2002). *Professora-pesquisadora – uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP&A.
- EZPELETA, Justa. *Pesquisa Participante / Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell* : (traduzido por Francisco Salatiel de Alencar Barbosa). – São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1986.
- FORTUNA, Maria Lucia de Abrantes. 2006. *A prática do ensino e os Estágios Supervisionados no cotidiano escolar: Uma aposta na formação do professor-pesquisador*. I Colóquio de Práticas de Ensino e Formação de Professores. São Gonçalo: UERJ-FFP.
- FREINET, Celestin. *O jornal escolar*. Lisboa: Estampa, 1976.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- _____. *Pedagogia do oprimido*, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- _____. 1996. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).
- _____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire*. – 45. Ed. – São Paulo, Cortez, 2003
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Desafios da diversidade na escola. *Revista Mediações*, v. 5, nº. 2. (p. 9-28). Londrina: Universidade Estadual de Londrina – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Ciências Sociais.
- JESUS, Regina de Fátima de. 1998. *Professoras da Escola Pública – Por que ficam? Uma história a contar*. Dissertação de Mestrado em Educação. Niterói: UFF.
- _____. 2004. *Mulher negra alfabetizando – Que palavramundo ela ensina o outro a ler e escrever*. Tese de Doutorado em Educação. Campinas: Unicamp.
- _____, ARAÚJO, Mairce da Silva. A história de vida como texto alfabetizador: rememorando uma experiência de formação de educador@s populares (P.128-144). In: GARCIA, Regina Leite, ZACCUR, Edwiges (orgs.). 2008. São Paulo: Cortez.
- JUNKER, B.H. *A Importância do Trabalho de Campo*. Rio de Janeiro, Ed. Lidador, 1971.

LUDKE, Menga. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*/ Mega Ludke, Marli E.D.A. André - São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. *Currículo, diferença cultural e diálogo*. Ed. e Soc., vol.23, nº 79, Campinas Aug. 2002.

OLIVEIRA, Martha Kohl. *Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem*. Trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da ANPED, Caxambu, setembro de 1999.

_____, (1997) Sobre diferenças individuais e diferenças culturais: o lugar da abordagem histórico-cultural. In: AQUINO, Julio Roberto Groppa, (orgs). *Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.

PIERRO, MARIA Clara Di. *Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil*. Ed. Social., Campinas, vol.26, n.92,p.1115-1139, Especial - Out.2005.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral (p.13-33). In: PERELMUTTER, Daisy, ANTONACCI, Maria Antonieta. *PROJETO HISTÓRIA n.15: Ética e História oral*. São Paulo: PUC – SP. Abril/1997. p.1-293

PROPOSTA PEDAGÓGICA, Coordenadoria de Ensino, pesquisa e extensão do trabalhador - InvestUERJ, Universidade do Rio de Janeiro. 1993.

RIBEIRO, Vera Masagão. A promoção do Analfabetismo em Programas de Educação de Jovens e Adultos. In: _____. 2001. *Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras*. São Paulo: Ação Educativa 2001. (Coleção Leituras no Brasil).

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. São Paulo; Autores Associados. 2007.

SILVA, Tomas Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, Leôncio. *Formação de Educadores de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica/ SECAD-MEC/UNESCO. 2006.

THOMPSON, Paul. 1935 – *A voz do passado: história oral*/ Paul Thompson; tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIGOTSKY, L. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1987.

WEFFORT, Madalena Freire. *Observação registro reflexão: Instrumentos Metodológicos I*. Série seminários. Espaço pedagógico, 1992.

WEISZ, Telma. *O Diálogo entre o ensino e a aprendizagem*. Série Palavra de Professor. São Paulo, Ática, 1999.

